Universidade de Ribeirão Preto

UNAERP

Jornalismo

FÁBIO PALAVERI LOPES

Informação e áreas de atuação no agronegócio: Desenvolvimento do produto através de multiplataforma online

RIBEIRÃO PRETO

2020

Fábio Palaveri Lopes

RELATÓRIO DE PRODUTO APRESENTADO A UNAERP:

Informação e áreas de atuação no agronegócio: Desenvolvimento do produto através de multiplataforma online

Projeto de Produto apresentado à Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP como requisito final para disciplina de TCC II.

Orientador: Me. César Luiz Mulati

Ribeirão Preto
2020

FÁBIO PALAVERI LOPES

Informação e áreas de atuação no agronegócio: Desenvolvimento do produto através de multiplataforma online

Projeto de Produto apresentado à Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP como requisito final para disciplina de TCC II.

Ribeirão Preto, 09 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Me. César Mulati
Orientador

_____

Prof. Rafael Reis
Examinador

_____

Valéria Ribeiro
Examinadora

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de
Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

Lopes, Fábio Palaveri, 1998 -
L864i Informação e áreas de atuação no agronegócio: desenvolvimento do produto através de multiplataforma online / Fábio Palaveri Lopes. – Ribeirão Preto, 2020.
87 f.

Orientador: Prof. Me. César Luiz Mulati.

Monografia (graduação) - Universidade De Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo. Ribeirão Preto, 2020.

1. Agronegócio. 2. Profissões. 3. Informação. I. Título.

CDD 070

Aos meus pais, os primeiros professores que jamais se cansam de exercer o dom divino do ensinamento.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, companheiros eternos, fonte de toda a minha admiração e amor;

Ao meu irmão, meu maior amigo, com quem tenho a honra compartilhar do mesmo sangue;

Aos professores: César Mulati, Rafael Reis, Flávia Martelli, João Flávio de Almeida e Murilo Pinheiro, com quem tive a felicidade de aprender não apenas técnicas de um bom jornalista, mas sim experiências além do mundo acadêmico;

Ao grande amigo Vinícius Bis, com quem sempre caminhei durante esta graduação;

Ao colega Edson Pegrussi, quem me orientou para enfrentar os desafios da universidade;

E a todos os demais colegas e amigos, que fizeram questão de contribuir, mesmo que indiretamente, para a conclusão do presente trabalho.

Resumo

O agronegócio se apresenta como um dos mais importantes pilares da economia brasileira. O historiador Tales Pinto (2008), diz que o Brasil colônia criou não apenas um modelo econômico, mas sim uma estrutura social rígida, que dividia os trabalhadores da época restritamente entre patrões ou mão-de-obra braçal. Este modelo foi adotado por mais de 400 anos, contudo, a invenção das máquinas e adaptações do processo de cultivo baseado em estudos e novas tecnologias transformaram o que se conhecia como agronegócio no país. Dado o longo tempo de duração do modelo denominado "Plantation", as raízes desse sistema ainda estão fortemente interligadas na cultura brasileira. As novas gerações não estão familiarizadas com a nova realidade do agronegócio. Com isso, o portal multimídia ProAgro foi criado com o objetivo de levar informação no que diz respeito a vasta possibilidade de participar do agronegócio, com enfoque diferente daquele representado pela mão de obra braçal. O produto expõe, por meio de conteúdos diversificados como matérias em texto, áudio, vídeo e podcast, opiniões de profissionais novos e experientes que atuam diretamente no universo agro, além de informações e curiosidades a respeito de temas também ligados ao setor. No início da pesquisa, foi abordado um histórico geral do conjunto de operações da cadeia produtiva do plantio à comercialização no Brasil, seguido do aumento populacional mundial, passando pela era das máquinas a vapor, até a agricultura e pecuária de ponta, com intuito de adquirir propriedade no tema, assim como foram buscados dados e conhecimentos teóricos para o melhor uso da ferramenta escolhida.

Palavras-chave: 1. Agronegócio. 2. Profissões. 3.Informação.

Abstract

Agribusiness is one of the most important pillars of the Brazilian economy. Historian Tales Pinto (2008), says that colony Brazil created not only an economic model, but rather a rigid social structure that divides workers strictly as bosses or manual labor. This model was adopted for more than 400 years, however, the invention of machinery and adaptations on the cultivation process based on studies and new technologies transformed what was former known as agribusiness in the country. Given the previously long-timed use of the *Plantation* model, the roots of this system are still strongly deep in touch in Brazilian culture, and new generations are not quite familiar with the new reality of agribusiness. As so, the ProAgro multimedia portal was created with the objective to bring information according to the vast possibility of participations in agribusiness, with a different point of view than that observed by manual workers. The work exposes through diverse contents such as text, audio, video and podcast, opinions of new and experienced professionals who work directly in the "agriverse", in addition to lots of information and curiosities about topics related to the subject. In order to start the research, a historic of the productive chain operations from planting to commercialization in Brazil was given, followed by the world population increase, going through the steam-machine era, to cutting-edge agriculture and livestock, in order to acquire property about the topic, as well as researches on data and theoretical knowledge for the best use of the chosen way.

Keywords: 1. Agribusiness. 2.Career. 3.Information.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ---------- 9

1 DETALHAMENTO TÉCNICO ----------12

2 Sinopse Final ----------14

3 Roteiro Final ----------15

4 Cronograma de Execução ----------23

5 RELATO DE PRODUÇÃO----------23

CONSIDERAÇÕES FINAIS ----------25

Referências ----------28

APÊNDICES ----------30

ANEXOS ----------83

Apresentação

Historicamente no agronegócio, antes mesmo de levar esse nome, o Brasil se apresentava como um país exportador de itens como açúcar, madeira e café. Esse estilo de comércio era lucrativo para o país, e o modelo de plantação e cultivo utilizado na época ficou conhecido como “plantation”, caracterizado principalmente pela presença de colônias de exploração e mão de obra escrava. Segundo o historiador Tales Pinto (2008), esse modelo utilizado pelo Brasil colônia entre os séculos XV e XIX, além dos aspectos econômicos, criava também uma espécie de estrutura social, que dividia em apenas dois planos os humanos naquela época, aqueles que ordenavam e os que eram ordenados.

O autor diz ainda que durante cerca de 400 anos, o que se entendia por agricultura e pecuária no Brasil girava em torno do sistema de plantation, abusando do cultivo de monoculturas e mão de obra escrava, sendo essa, constituída por brasileiros ou estrangeiros foragidos e capturados através do tráfico de escravos, marcados na história pelos navios negreiros, que tinham as rotas traçadas quase que exclusivamente para a costa oeste da África. Entretanto com o passar dos anos, o período entre 1820 e 1840 marcado pelas revoluções industriais, aos poucos mudou esse cenário, transformando o artesanato em métodos com produção através de máquinas.

O aumento populacional do planeta naturalmente interferiu em um aumento também na quantidade de subsídios que cabe ao agronegócio produzir. A partir daí, Carpanezzi (2018, p. 2) disse que o mundo percebeu a importância da agricultura para a produção de alimentos. Desde então, o homem foi perdendo espaço ao competir com uma tecnologia que consegue produzir mais em menos tempo, garantindo mais lucro. Hoje, apesar das grandes protagonistas serem as máquinas, a mão de obra braçal ainda é vista por um senso comum como uma das poucas profissões que sobreviveram a essa adaptação, pois de forma equivocada, entende-se que as máquinas acabaram com o papel do homem na agricultura e pecuária. Logo, as gerações “baby boomers”, “X”, “Y” e uma pequena parcela da “Z” (1940, 1960, 1980 e 1995 respectivamente), não estão familiarizadas com o cenário atual do agrobusiness, desconhecendo a gama de possibilidades que o setor atualmente oferece.

As feiras do agronegócio, espalhadas aos montes pelo Brasil e pelo mundo, tornam visivelmente mais claro enxergar quantas e quais setores o agronegócio abraça atualmente. Segundo Vital (2019), a Agrishow é considerada hoje a maior feira do agronegócio da américa latina e segundo a revista Visão Agro, ela é o palco que mostra as mais avançadas tendências e inovações tecnológicas, principalmente a agricultura 4.0, onde softwares

inteligentes planejam, executam e controlam cerca de 90% do processo produtivo de determinadas culturas.

O mesmo avanço tecnológico, porem no que se refere a comunicação, possibilita aos criadores de conteúdo e profissionais da área, estarem presentes em mais de uma plataforma, expondo seus trabalhos e produtos além do que conhecemos como meios convencionais (Televisão e Rádio), para a então Era Digital, trazendo o conceito de Multiplataforma. Chris Roper, editor de dados do programa Code for África, foi entrevistado pelo portal IJNet (Rede de Jornalistas Internacionais) e respondeu questões sobre o crescimento desse estilo de jornalismo que segundo ele, está assumindo gradativamente o lugar do que se entende por "jornalismo". Segundo Chris (2015), atingir sucesso no sistema multiplataforma consiste em fazer com que seu público faça e mantenha interações com o canal da mídia e seus criadores. O profissional diz ainda que esse estilo de jornalismo força os comunicadores a seguirem o leitor, e afirma que diferente do impresso, não existe mais um público alvo específico, pois esse, é formado enquanto se produz conteúdo, como um processo natural e orgânico.

Visto que as novas gerações desconhecem esses novos campos do universo agro, que hoje são compostos não apenas por boias-frias e empresários multimilionários, mas também por engenheiros, pesquisadores, advogados, jornalistas e outras profissões, é preciso mostrar a importância e as oportunidades que o agronegócio oferece hoje, a essa geração conectada. Logo, um dos melhores meios de comunicação para fazê-lo se torna a multiplataforma, uma vez que a geração Z principalmente está mais familiarizada com esse sistema do que as demais citadas, pois ao mesmo tempo está presente em mais de uma rede social, consumindo cada vez mais conteúdo online.

Com a globalização avançando de forma intensa, a procura por meios de comunicações tradicionais vem caindo gradativamente. Segundo Nascimento e Guedes (2018, p. 3), o alto custo da produção, despesas com gráficas, distribuidoras, baixo número de anunciantes e outros fatores, são motivos cruciais que resultaram na queda destes meios convencionais, como o impresso por exemplo. Por consequência, o sistema multimídia online, com mais espaço e abrangência, além de novas ferramentas de busca, informação e entretenimento estão aumentando, passando a ser um modelo de consumo adotado por cada vez mais indivíduos, assumindo assim o papel de protagonista da comunicação.

Com isso, o objetivo do produto criado foi apresentar, através de um sistema de multiplataforma, profissões dentro do agronegócio que sejam diferentes do trabalho braçal propriamente dito. O intuito era escrever sobre áreas de atuação, e apresentar opiniões de profissionais novos e experientes no mercado.

Como membro importante da comunicação, o jornalismo migra cada vez mais para uma convergência, tendo a multiplataforma como objetivo a ser alcançado. Segundo Jenkins (2008), essa forma de produção, voltada para atingir consumidores em diferentes meios, possui um viés cultural e multidimensional, ou seja, o acesso e o consumo do conteúdo em mais de uma ferramenta muda a maneira como pensamos em linguagem, como a mensagem deve ser passada para atingir determinado público, pois vão surgindo naturalmente cada vez mais nichos. O consumo da informação atualmente é feita sob demanda, o leitor é quem busca itens dos quais tem mais prazer em consumir, e do outro lado, as empresas e profissionais responsáveis pela criação de conteúdo devem saber em quais plataformas o seu público está, para atingi-lo da melhor forma possível.

Dados de 2019 apurados pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) juntamente com a Escola de Estudos Agrários da USP (Esalq) mostram que o PIB (Produto Interno Bruto) do agronegócio brasileiro cresceu 3,81% no ano passado quando comparado ao ano de 2018. O IBGE ainda apurou que a área representa atualmente 21,4% do PIB total do Brasil. Observando os dados, temos a consolidação de que esse setor se apresenta como um dos principais pilares que mantem a economia do país em alta, além de uma boa posição no mercado nacional e principalmente internacional.

Sobre a multiplataforma criada, o conteúdo não se apresentou como algo novo, no sentido de que nunca foi visto, a finalidade foi transmitir a informação de dentro da área do agro para aqueles que não necessariamente atuam no segmento.

Visto isso, unindo o tema proposto com o objetivo do produto, o sistema online multiplataforma se apresentou como uma das melhores formas para a criação do conteúdo. Uma vez que as gerações estão cada vez mais conectadas de forma individual e coletiva, deixando gradativamente de consumir mídias físicas e partindo para o online, como portais de notícias, redes sociais, revistas online, e-books, entre outras. Um blog multiplataforma tem um maior alcance de público do que outras mídias como o impresso por exemplo, por motivos como o acesso gratuito, a disponibilidade de consumo em qualquer região do Brasil e do mundo, o baixo custo para a produção do conteúdo evitando o uso de gráficas entre outros serviços, disponibilizando mais tempo e recursos para o foco na produção. Através do online, foi possível também ter um maior controle dos resultados e feedbacks, pois os leitores tem espaço para dialogar diretamente com o autor de maneira rápida e fácil.

O público alvo do blog é composto por homens e mulheres, por volta de 16 a 30 anos, que não necessariamente tenha uma relação muito forte com o agronegócio, ou seja, que não estão presentes nesta área de atuação no mercado. O blog “Proagro” pode ser acessado de

qualquer lugar, porém os entrevistados foram todos da região de Ribeirão Preto - SP, logo, o conteúdo foi produzido e publicado com maiores referências e especificações para o público dessa região. O grupo alvo não possui uma classe social nem formação educacional restrita e limitada, pois o conteúdo publicado foi produzido com características jornalísticas, ou seja, buscando sempre uma linguagem simplificada, sem uso de termos científicos do setor e quando o mesmo foi apresentado, foi também explicado e exemplificado para o fácil entendimento.

A proposta do produto apresentado foi justamente contra a ideia de que os entrevistados por esse projeto possuíssem um perfil específico ou semelhante entre os mesmos. Como o objetivo foi apresentar oportunidades de atuação dentro do agro, os entrevistados e os perfis destes, foram se alterando de acordo com a pauta abordada na determinada publicação. Durante a execução do projeto, foram abordadas profissões como a figura do engenheiro agrônomo, técnico agrícola, fotógrafa, entre outras, temas diversificados, porém que estão ligados diretamente e indiretamente ao agronegócio. A partir disso, foi possível concluir que os entrevistados não compartilhavam de um perfil semelhante.

Sobre o formato das entrevistas, todas foram realizadas através do Google Meet, devido as complicações da pandemia do novo Coronavírus. As conversas foram através de vídeo-chamadas, e-mails, entre outros recursos disponíveis na web. O intuito era abusar ao máximo das ferramentas online, buscando informações confiáveis e fontes de credibilidade.

1 DETALHAMENTO TÉCNICO

O conteúdo foi veiculado através do site criado a partir do portal Wordpress, que pode ser acessado em mais de um dispositivo de forma simultânea, seja em smartphones, computadores, iPad’s, Mac’s, entre outros. Através do WordPress (ferramenta online para criação de sites, blogs ou aplicativos), foi feito um site base com uma estrutura padrão cedida pelo próprio software, que posteriormente foi editada e personalizada de acordo com o intuito do projeto, alterando cores, menus, ícones, categorias e widgets.

A plataforma Wordpress foi escolhida pelo fácil modo de criação e divulgação do conteúdo, além de gratuito, ele oferece total controle sobre o alcance de suas publicações, informando em gráficos de acessos o alcance de cada post em cada dia da semana, garantindo assim total controle do progresso e desempenho do multiplataforma. O site escolhido também é fácil para os usuários, com linguagem e navegação simples e intuitiva, que garante ao usuário uma grande liberdade de criação e modificação do portal, enquanto o mesmo está em

andamento. Por se tratar de mais de uma plataforma, foi criado a página do Proagro também no Facebook, onde cada publicação no site foi adaptada e publicada na página no mesmo dia, assim como também no meu perfil pessoal. Para as publicações no Facebook, foram feitos em cada uma, um parágrafo explicando do que se trata determinada matéria, quem foi o entrevistado e o tema principal da conversa ou assunto, com uma imagem de destaque e o link que direciona diretamente para o site. Foi criado também um canal no Youtube, através do Gmail do Proagro, com capa e thumbnail personalizados. Este canal foi utilizado para o upload do vídeo "Da planta ao prato – Açúcar".

Em termos visuais, o portal Proagro segue um modelo muito utilizado em portais de notícias, contendo uma faixa superior onde estão localizados os menus "Matérias", "Vídeos", "Quem somos" e "Contato". Mais abaixo, o logotipo do blog, seguido das publicações, apresentadas em duas colunas, com imagem de destaque, título, editoria, data da publicação e comentários. As cores adotadas foram todas ligadas a tons de laranja escuro e marrom, para buscando um aspecto de "terra", com exceção da escrita, colocada nas faixas superiores em branco, e no título dos posts em preto, para maior destaque e fácil visualização. A cor de fundo também foi escurecida, evitando deixar a tela muito branca. Os widgets adicionados foram a barra "Buscar", um botão inteligente vinculado a página do Facebook e o botão para seguir o meu perfil no Wordpress. Todos localizados na coluna da extrema direita no site (se visualizados em cum computador). Em todas as imagens em destaque, no canto inferior esquerdo foi adicionado o logo do blog, como uma espécie de "falso botão" que ajuda de certa forma os menos familiarizados com a tecnologia.

Foram feitas publicações alcançando em média uma lauda e meia de um arquivo Word. Durante o mês de setembro e outubro, foram feitas publicações toda semana, na quarta-feira no período entre as 14h e as 18h. Nas cinco quartas feiras do mês de setembro foram adicionadas publicações ao site. A partir de outubro o conteúdo foi publicado uma semana sim e a outra não. Como planejado, as publicações foram produzidas até que os critérios de caracteres e afins apresentados no regulamento da UNAERP fossem atendidos, entretanto, não apenas o texto como também o arquivo em vídeo e as fotos ultrapassam o mínimo exigido. Cada publicação inclui no mínimo duas fotos, sendo estas de banco de imagem ou cedidas com autorização pelo responsável. Quanto ao estilo de texto, foi utilizado uma linguagem que se aproxime mais com o público, buscando simplicidade nas palavras, transparência e objetividade, não de forma coloquial propriamente dita. Para as matérias de entrevistas, foi utilizado o formato Ping-Pong, pois acredito que dessa forma o leitor pode ter mais confiança no conteúdo, pois o mesmo lê exatamente o que foi dito durante a entrevista.

Ainda nos textos das entrevistas, foi criado um parágrafo inicial explicando o “quadro”, seguido de um parágrafo que apresenta o entrevistado, exibindo informações profissionais do mesmo. Para o blog, não foram criadas contas no Instagram e nem no WhatsApp próprio. Para a divulgação nestas redes foi utilizado o meu perfil pessoal.

O conteúdo editorial foi separado entre entrevistas, textos informativos e vídeos. Foram ao todo nove publicações, trazendo cinco profissões ligadas diretamente e indiretamente ao agro, um vídeo apresentando as etapas do processo de fabricação do açúcar, um texto sobre a Agrishow, um texto sobre a história do café em Ribeirão Preto e um texto inicial, sendo a primeira publicação do blog, apresentando o projeto e o que estaria por vir.

Quanto aos entrevistados, o primeiro foi Jean Carlos de Souza, formado em engenharia agronômica pela Faculdade de Ciências Agrarias e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Jaboticabal-SP. O segundo foi Marcos Rosa, especialista em segurança no trabalho, mais precisamente na Norma Regulamentadora de número 13, que trata de vasos de pressão, caldeiras, tubulações e tanques metálicos. O terceiro foi José Claudio Botelho, técnico agrícola com mais de 30 anos de experiência. O quarto foi Delcy Mac Cruz, jornalista do agronegócio, formado em jornalismo e pós graduado em agronegócio na FAAP - Fundação Armando Alvares Penteado em Ribeirão Preto/SP. E em quinto lugar, já após a pré-banca, onde me foi orientado a procurar por outras fontes de imagens, a fotógrafa Joyce Cury foi entrevistada, ela que é jornalista e Mestre em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos.

2 Sinopse final

Seguindo as orientações de acordo com o manual de projeto de produto midiático referente à multiplataforma da UNAERP, o presente trabalho apresentou através do blog multiplataforma “Proagro, conheça as profissões do agronegócio”, um conteúdo textual e audiovisual ao longo de nove publicações. Matérias jornalísticas, textos informativos, entrevistas em formato ping-pong (perguntas e respostas), Podcast “Agrotópicos”, fotos das personalidades entrevistadas, vídeo do quadro “Da planta ao prato”, que apresenta as etapas do processo de fabricação do açúcar, todo o conteúdo voltado ao tema central, o agro.

O intuito foi apresentar possíveis áreas de atuação dentro do agronegócio. Por se tratar de um setor amplo e muito abrangente, profissionais e iniciantes de diferentes áreas do agro respondem através de entrevistas, via texto ou não, questões sobre o impacto do agronegócio na economia, a tecnologia como nova ferramenta para o agro, máquinas e automóveis especializados, mulheres no agronegócio, e outros temas.

Todo o processo foi publicado no site https://proagroon.wordpress.com/, e replicado para a página no Facebook “https://www.facebook.com/proagroon “,que permite ao leitor acessar esse conteúdo a partir de qualquer dispositivo que mantenha uma conexão com a internet.

3 Roteiro final

Roteiro Vídeo Título: Da planta ao prato – Açúcar

Locução	Imagens
Começa trilha sonora e se estende até o fim do vídeo. Oi, tudo certo? Eu espero que sim. Nesse episódio do “Da planta ao prato”, você vai conhecer um pouco mais sobre a trajetória do açúcar.	Imagem de uma plantação com o logotipo do Proagro e escrito “Da planta ao prato”. Imagem da tela de um celular escrito “oi” e “tudo certo”, em seguida uma foto com o logotipo junto a uma imagem de fundo escrito “Da planta ao prato” e por fim uma foto de açúcar.
O Açúcar, aquele que está no seu café, no refrigerante, nos doces da confeitaria, no bolo de aniversário, e mais tantos outros alimentos que certamente, você consome.	Imagens de açúcar cristal, xícara de café, latas de refrigerante, doces, bolo de aniversário e outros alimentos.
Esses pequenos cristais brancos que você encontra, embalados no supermercado, tem origem da cana de açúcar!	Imagens de açúcar, supermercado e cana de açúcar, conforme a locução.
Existem registros, de que este produto tão conhecido e valorizado, foi descoberto na Índia, por volta do ano 327, antes de cristo. No Brasil, a primeira muda de cana chegou no ano de 1532, trazida por Martim Afonso	Imagens de cana de açúcar, Imagem do Taj Mahal, na Índia. Na mesma tela, escrito 324 “A/C”. Imagem do morro Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro. Na mesma tela, escrito 1532.

de Sousa, o primeiro dono da capitania hereditária de São Vicente.	Imagem de Martin Afonso de Sousa. Imagem do mapa do Brasil com foco em São Vicente.
Os anos se passaram, e a cana ganhou espaço no Brasil. Hoje, basta passar pelo interior do estado de São Paulo principalmente, para enxergar longos hectares plantados com cana de açúcar.	Imagem de uma ampulheta. Imagem de um canavial. Imagem do mapa do estado de São Paulo, com destaque no interior. Imagem do início da plantação de cana, em mudas.
Mas agora sim, como essa planta vem parar no nosso prato? Bom, como todo produto, existem uma série de etapas que a cana de açúcar passa para poder enfim chegar a sua forma final, no caso, o açúcar.	Imagem de um ponto de interrogação. Imagem de frutas e legumes no mercado. Imagem da cana de açúcar. Imagem do açúcar, já em cristais.
Primeiro, a cana é plantada em extensas porções de terra, e aproximadamente um ano depois, se inicia o que é chamado de "Período de safra", onde toda a plantação já adulta, começa a ser colhida.	Imagem do número "1". Imagem de mudas de cana. Na mesma tela, escrito "Período de safra". Imagem de um canavial.
Para a colheita, ainda existem muitos trabalhadores responsáveis por esse trabalho, mais braçal, os chamados boias frias, porém, para a maior parte da colheita, usa-se as chamadas colhedoras, ou colheitadeiras de cana. Essas máquinas cortam a cana pela base, e os rolos laterais empurram a cana para outros tambores de corte, localizados no interior da máquina.	Imagem de trabalhadores braçais, cortadores de cana. Imagem de colheitadeiras de cana. Na mesma tela, aproximação da imagem em cada parte da máquina, de acordo com a locução.

Após esse processo, os pedaços de cana são arremessados através de uma esteira, para um compartimento carregado por outro transporte, que segue o mesmo sentido que a colheitadeira, em uma sincronia perfeita. Em carretas de grande porte, esses compartimentos carregados de pedaços de cana, são transportados até as usinas produtoras.	Imagem da colheitadeira arremessando os pedaços na carreta guiada por um trator. Imagem carreta de grande porte carregada de pedaços de cana. Imagem usina de açúcar e etanol.
Com a ajuda de outra máquina, a caçamba do caminhão é virada, e os pedaços da cana caem em uma esteira, e é aí que se inicia o processo produtivo do açúcar dentro da usina. Para soltar o suco do açúcar, a cana deve estar a mais limpa possível. Para isso, ela passa por alguns banhos de água.	Imagem de guincho tombando a carreta lotada de cana na esteira. Imagem cana de açúcar. Imagem açúcar. Imagem usina. Imagem do suco extraído da cana, seguido da imagem do banho da cana.
Já coletada, cortada e limpa, agora a nossa cana de açúcar tem que ser moída. A esteira passa por várias máquinas e prensas, responsáveis pela moagem. Os pedaços agora ainda mais pequenos, são levados por outra esteira para as moendas. Agora sim, o suco doce da cana, com uma cor castanha, pode ser extraído com mais facilidade.	Imagem da colheita, de pedaços de cana triturados e da cana limpa. Imagem cana moída. Imagem máquina responsável pela moenda. Imagem pedaços de cana mais moídos ainda. Imagem “positivo”, homem dando um “joia” com a mão. Imagem suco da cana.
Depois de ser bem triturada, o que sobrou disso tudo (que chamamos de bagaço) é separado do suco, que agora precisa ser processado.	Imagem moenda de cana. Imagem pedaços moídos. Imagem bagaço.

E enquanto o bagaço é usado como combustível para algumas máquinas da própria usina, uma amostra do suco coletado é analisada em um laboratório, para medir a concentração de açúcar e também testar o nível de PH. Esses testes ajudam a ter o controle se aquela safra produziu cana de açúcar fértil ou não.	Imagem de uma fogueira, dando alusão a um combustível. Imagem usina. Imagem cientistas analisando amostras de um líquido verde. Imagem açúcar em cristais. Imagem tabela de medição de PH. Imagem amostras na cor verde. Imagem início de safra. Imagem cana de açúcar.
Depois de testado, o suco cai em tanques reservatórios, onde dois principais produtos são adicionados. O dióxido de enxofre, e a lima em pó, fazem com que o suco fique com uma coloração mais amarelada. E depois de misturar bem, chega ao fim esse processo chamado de "Alcalinização".	Imagem do cientista analisando amostras. Imagem do suco da cana. Imagem número "2". Imagem fórmula atômica do dióxido de enxofre. Imagem homem despejando lima em pó. Imagem suco com coloração mais clara. Imagem tanque misturando a solução. Imagem do significado de "Alcalinização", segundo o Dicio.com.br
O resultado dessa mistura é colocado em grandes recipientes para descansar. E ao longo do tempo, as impurezas encontradas na mistura vão descendo, até chegar à base do recipiente, enquanto o suco que a gente quer, se concentra no topo.	Imagem do resultado da mistura anteriormente descrita. Imagem dos tanques onde a mistura descansa. Imagem focando a diferença da coloração da mistura no topo e na parte de baixo do recipiente.
Mas como que essa água amarelada vira cristal de açúcar? Bom, primeiro, as impurezas da mistura são separadas e usadas como adubo para as próximas plantações. Assim como o bagaço, isso não é desperdiçado!	Imagem ponto de interrogação. Imagem professor explicando, seguido da imagem do número "1". Imagem focando as impurezas na parte de baixo do recipiente. Imagem solo adubado. Imagem mudas de cana.

	Imagem do bagaço.
Mas agora sim, o suco mais clarificado que queremos, é movido para tanques evaporadores, onde é muito aquecido. Essa concentração faz aumentar bastante a porcentagem de açúcar no suco.	Imagem “positivo”, homem dando “joia” com a mão. Imagem do suco da cana, mais pastoso, em um recipiente. Imagem tanques evaporadores. Imagem fogo, dando alusão a frase “onde é muito aquecido”. Imagem do tanque evaporador. Imagem de uma colher de açúcar, escrito na tela “+% de Açúcar no suco”.
Bom, agora temos um verdadeiro xarope de cana. Mas ainda não acabou! É agora que se coloca mais um ingrediente essencial nessa receita, a sacarose. Essa substância, que lembra muito o leite, se une ao açúcar que está no xarope e ajuda a extrair ele. Agora, o xarope com sacarose, é fervido em grandes recipientes a vácuo, que enfim dão resultado aos cristais de açúcar, misturados com um melado. Mas o intuito é conseguir o açúcar! E não o xarope com açúcar! Pois é, para isso, uma máquina centrífuga faz essa solução girar a uma velocidade muito alta, fazendo com que esse melaço, por ser mais pesado, seja jogado para as bordas da máquina que lembra bem uma lavadora de roupas, enquanto os cristais, mais leves, se mantêm no centro.	Imagem de um xarope de cana. Imagem de peças de quebra cabeça formando “The End.”, com alusão ao fim do vídeo. Imagem um enorme “X” vermelho na imagem acima. Imagem potes de ingredientes variados. Imagem mulher preparando uma receita. Imagem do significado da palavra “Sacarose”, segundo o Dicio.com.br. Imagem de um copo de leite. Imagem de cubos de açúcar em um pote, seguido da imagem do xarope de cana. Misturas das imagens do professor explicando, significado da palavra, xarope de cana e “fogo” dando alusão ao termo “ferver”. Imagem tanque a vácuo. Imagem cristais de açúcar, seguido de um melado na cor marrom, semelhante ao xarope.

	Mistura de imagens do xarope, açúcar e melaço. Imagem máquina centrífuga, escrito na tela onde estão os cristais e o melaço. Imagem lavanderia com lavadora de roupas.
Agora sim! Temos os cristais de açúcar! Mas espera aí, eles ainda precisam passar por um secador na usina, para depois sim serem embalados. Pesando por volta de mil quilos, esses grandes sacos são transportados para um local onde são abertos por baixo e escoados, para enfim, chegar as máquinas embaladoras, que automaticamente enchem e fecham os sacos de plásticos na medida exata de acordo com o programado.	Imagem "positivo", homem dando "joia" com a mão. Imagem rapaz comemorando. Imagem cristais de açúcar, seguido dos mesmos cristais em um enorme secador na usina. Imagem balança. Imagem sacos enormes, cheios de grãos de açúcar. Imagem da máquina que embala os sacos, escrito na tela onde estão os sacos de açúcar e a esteira para onde eles vão.
Agora resta somente carregar os caminhões com esses sacos de açúcar, e manda-los diretos para os super mercados, para que finalmente você possa preparar aquela receita onde o açúcar não pode faltar!	Imagem caminhões sendo carregados de açúcar. Imagem carrinho em super mercado. Imagem cliente comprando no caixa do mercado. Imagem homem cozinhando. Imagem pote cheio de açúcar em cristais e cubos. Fade off na imagem.
Esse episódio do "Da planta ao prato" está terminando. Gostou? Eu espero que sim. Não deixa de compartilhar com quem você quiser o site ProAgro, acompanhe toda semana novas matérias, vídeos e	Fade in na imagem. Imagem de uma plantação com o logotipo do Proagro e escrito "Da planta ao prato". Imagem do logotipo do Facebook, escrito "facebook.com/proagroon".

entrevistas. Ah, curta também a nossa página no Facebook! Tenha uma ótima semana, e até o próximo episódio!	
Voz, produção e edição: Fábio Palaveri Trilha: Take Me Down to The Fashion Show – NoMBe	Fade off na imagem, tela fica preta, fade in créditos. Fade off nos créditos.

Roteiro Podcast Agrotópicos #1 – Marcos Rosa

PODCAST	Duração média
Trilha/Vinheta A vinheta começa alta, diminui durante a apresentação e vira uma trilha durante o bate papo.	5 segundos
Apresentação – É uma honra ter você aqui com a gente. Hoje no podcast "AGROTÓPICOS" o meu bate papo é com ele, Marcos Rosa, profissional com mais de vinte anos de experiência em tudo que diz respeito a Norma Regulamentadora de número "13" do Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil. Nesse episódio a conversa vai ser principalmente sobre segurança no trabalho não é mesmo Marcos? Obrigado pela sua presença.	1 minuto
Perguntas –	35 minutos

O que faz um inspetor de equipamentos de alto risco? Onde a NR-13 é aplicada? Quais os seus principais locais de trabalho? Além das indústrias dentro das usinas, quais outros equipamentos e estabelecimentos precisam de inspeção técnica? Quais os principais acidentes causados pela falta de manutenção ou inspeção incorreta desses equipamentos? É possível viver, financeiramente falando, apenas como profissional de inspeção? Para você, qual a importância de um especialista em NR-13 para o agronegócio? O que você gostaria de dizer para alguém que está pensando em entrar nessa profissão?	
Agradecimento – O nosso papo está chegando ao fim, mas eu não poderia me despedir sem primeiro agradecer a você que está nos acompanhando e claro ao Marcos que esteve aqui no podcast “AGROTÓPICOS” hoje, obrigado Marcos.	5 minutos
Encerramento – Essa edição do podcast “AGROTÓPICOS” chegou ao fim, eu espero que você tenha gostado, continue acompanhando toda semana o site ProAgroon e curta também a nossa página	20 Segundos

no Facebook que é facebook ponto com barra Proagroon, obrigado e até a próxima!	
Trilha/Vinheta A trilha que estava tocando durante a entrevista aumenta, e depois de alguns segundos diminui até chegar ao fim.	10 segundos

4 Cronograma de execução

Janeiro	---
Fevereiro	---
Março	Elementos pré-textuais e textuais / Leitura / Definição orientador
Abril	Elementos textuais / Pesquisa / Referências
Maio	Elementos textuais / Pesquisa / Referências
Junho	Correções finais do projeto / Busca por entrevistados
Julho	Elaboração de Pautas / Busca por entrevistados / Finalização do projeto
Agosto	Criação do blog e página no Facebook / Personalização do site e página no Facebook / Produção e post do texto “Preparando o Solo” / Finalização da página “Contato” e “Quem somos”
Setembro	*Semana 1* Produção e post do vídeo “Da planta ao prato - Açúcar *Semana 2* Produção e post da entrevista com Jean Carlos *Semana 3* Produção e post do Podcast Agrotópicos com Marcos Rosa *Semana 4* Produção e post da matéria sobre a Agrishow *Semana 5* Produção e post da entrevista com José Claudio Botelho
Outubro	*Semana 1* Produção e post da entrevista com Delcy Mac Cruz *Semana 2* Produção do texto sobre a história do café em Ribeirão Preto *Semana 3* Post do texto “Da capital do café à Califórnia Brasileira” *Semana 4* Busca pelos termos de autorização
Novembro	*Semana 1* Produção e post da entrevista com Joyce Cury *Semana 2* Semana voltada para a produção do projeto paralelo do curso *Semana 3* Início da produção do relatório final da disciplina *Semana 4* Fim da produção do relatório final da disciplina
Dezembro	Relatório corrigido Banca final com César Mulati, Rafael Reis e Valéria Ribeiro

5 RELATO DE PRODUÇÃO

No início do terceiro ano de faculdade, após mais conversas com um de meus veteranos do curso, já estava decidido que para o Trabalho de Conclusão de Curso estava disposto a produzir um produto em multiplataforma. Ainda sem tema em definitivo, o recurso de produzir um conteúdo para o online chamou muito minha atenção por motivos como o custo-benefício, a familiaridade com a operação de softwares e o linguajar do computador, o

conhecimento de aplicativos, técnicas e ferramentas que me permitiram alcançar meus objetivos de forma mais concreta.

Após definir o tema e o título “Proagro”, e começar a produção primeiramente do projeto e posteriormente a execução em si, aquilo que imaginava aconteceu mais rápido do que pensei. Por trabalhar com o agendamento de entrevistados no meu estágio, tinha a noção plena de que nem tudo sai exatamente como imaginamos. Uma das primeiras pessoas que convidei para participar de uma entrevista, para ser veiculada no portal, não só topou o convite como forneceu as informações e agendou um horário para conversarmos, mas não compareceu no dia programado e pediu desculpas depois, justificou sua ausência e remarcamos a data. Estou ciente de que imprevistos acontecem, isso é natural, entretanto na data remarcada, a entrevistada novamente não compareceu, e me disse para enviar as perguntas por WhatsApp, foi quando agradeci a mesma, e não retornei mais as mensagens.

Por desenvolver o trabalho em meio a pandemia de 2020, as entrevistas presenciais acabaram ficando de lado, e o Google Meet passou a ficar presente em todas as conversas com as fontes. Se tratando de internet e agronegócio, sabe-se que alguns trabalhadores de usinas, por viverem inteiramente ligados a esse estilo de vida, não são muito familiarizados com a internet e com os novos recursos de comunicação. Logo foi difícil combinar um horário para conversar com algumas pessoas pela internet, além da conversa através de uma tela ser algo diferente para algumas pessoas, uma conexão instável com a internet também atrapalhava o fluxo do diálogo. Como a essência do projeto foi entrevistar pessoas, ter um plano B ou uma carta na manga sempre foi necessário para não prejudicar o andamento do projeto.

Com o passar do tempo, conversando com os entrevistados após a entrevista, e claro absorvendo informação durante as mesmas, a bagagem que ganhei unidas ao processo de execução do processo me expandiram ainda mais meus olhares com relação ao agronegócio. Principalmente na conversa com o jornalistas Delcy Mac Cruz e a fotojornalista Joyce Cury, que são profissionais mais ligados na comunicação com relação aos demais entrevistados. É gratificante ler um comentário como o de Delcy na publicação em meu Facebook “Muito bom termos novos jornalistas como o Fabio Palaveri, entrosado com o profissionalismo. Foi um prazer ter participado da entrevista”, ou então a opinião da Joyce sobre a entrevista, quando ela mesma compartilhou a publicação escrevendo “Compartilho com vocês a entrevista que dei para o Fabio Palaveri sobre fotografia no agronegócio. Foi um prazer falar com um aluno da universidade onde me formei há 15 anos”. Além claro da troca de e-mails

com entrevistados e as conversas nos “bastidores” que indicavam de alguma forma que o meu caminho estava correto.

As nove publicações, somadas as páginas “Quem somos” e “Contato”, além da “Homepage”, dos widgets e botões inteligentes, apresentam um produto gratificante para mim. Apesar de ter atingido o mínimo exigido nas primeiras três publicações, a periodicidade e a necessidade própria de buscar mais entrevistados deram continuidade ao projeto, mas o fluxo de produção foi diminuindo na medida de que outros projetos, dentro e fora da universidade, foram surgindo.

Ao longo dos quatro anos de curso, foi possível colocar em prática principalmente durante o desenvolvimento deste trabalho, técnicas e aprendizados adquiridos no período da graduação. Técnicas de escrita, linguagem, produção, edição, divulgação, preparo, planejamento, entre outras características da figura do jornalista foram utilizadas na execução do projeto, que teve por fim um conteúdo profissional, do qual me orgulho de ter construído. A experiência de produzir e administrar o blog foi completamente positiva do início ao fim. Principalmente nos dois meses de produção intensa, ao longo das publicações, fui adquirindo cada vez mais experiência, além de pensar que quando se desenvolve um produto jornalístico, o mesmo te prepara de melhor forma para o mercado de trabalho, uma vez que o criador de conteúdo e no caso, aluno, é o grande responsável por todas as etapas do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito tempo o agronegócio se apresenta como um dos principais pilares que mantem de pé a economia brasileira. Esse setor sofreu ao longo do tempo, adaptações intensas com relação ao uso de novas tecnologias para o aumento da produtividade, devido à alta demanda que se resultou do aumento populacional do planeta. Entretanto, mesmo sabendo que atualmente a junção do homem com a máquina é o que vem dominando o mercado, desenvolvendo softwares inteligentes de mapeamento, agricultura e pecuária de ponta, o uso de drones inteligentes, entre outras tecnologias, ainda existe um senso comum onde a visão do agro é vista apenas em duas vertentes, o trabalhador braçal cortador de cana ou colhedor de café, ou os donos de empresas e usinas, proprietários de grandes porções de terras e de capital.

O presente trabalho foi feito com o objetivo de tentar mudar essa visão equivocada de grande parte da população, apresentando informações e áreas de atuação que estão ligadas

diretamente e indiretamente ao setor maior, no caso o agronegócio. Apresentar um novo olhar para os consumidores do conteúdo se mostra como um meio do mesmo conhecer mais um setor que ele mesmo participa, mesmo não sabendo. O desinteresse do jovem no agro principalmente, grande parte das vezes acontece pois o mesmo não conhece a gama de possibilidades que essa área apresenta. Logo, mostrar profissões distintas, opiniões de profissionais novos e experientes no setor, textos exibindo dados e curiosidades, e vídeos explicativos, tudo isso através de uma multiplataforma online, ou seja, de fácil acesso na maioria dos lugares, em qualquer horário e loca, se apresenta como uma estratégia interessante para tentar alertar uma parcela da sociedade para essa nova perspectiva.

Através do controle de acessos no site, disponibilizado pela própria ferramenta Wordpress, os dados atingidos se mostram interessantes na medida de que todo o produto foi construído de forma orgânica (sem impulsionamento), com o número de acessos atingindo a marca de 164 em uma única semana, sendo deste número, 118 usuários distintos. Estes foram alguns dados coletados apenas pelo monitoramento do site, ou seja, o compartilhamento nas redes sociais como Facebook, Instagram, WhatsApp e LinkedIn, os e-mails trocados sobre o site, as conversas com os leitores e os comentários a respeito do blog não entraram na contagem.

Dada a proposta do trabalho, tão como seus meios de veiculação e divulgação, afirmar que o objetivo do projeto foi totalmente concluído não é possível. Ou seja, não se pode concluir que todo o público alvo foi atingido e que o mesmo teve sua perspectiva a respeito do agro alterada devido ao blog Proagro. Porém, a junção dos números, dos comentários positivos, de todo o feedback, e da figura do autor do projeto como alguém que está por dentro do agronegócio, conseguem provar que a proposta inicial do projeto foi sim atendida. Isso porque o que falta para o interesse das pessoas para o agro, grande parte das vezes é a figura de uma pessoa conhecida e próxima dessas pessoas, que consegue apresentar o quanto esse setor é mais interessante do que se imagina, e esse item é possível dizer que foi atendido por completo.

Toda a produção das matérias, vídeo, podcast, diagramação do site, personalização do blog e redes sociais, edição das matérias e audiovisual, postagens, divulgação, controle de feedback, criação do logotipo, escolha das fontes gráficas, planejamento e finalização, foram de total autoria própria. O conhecimento de softwares de edição de imagem e vídeo, unido ao cronograma de produção adotado com base no cronograma de um colega próximo e a

dinâmica de produção, permitiram que se criasse um blog com todas as características de um site profissional.

Quando houve o questionamento a respeito da continuidade do projeto, foi deixado claro que o mesmo está finalizado, sem primeiras intenções de um recomeço. Entretanto é possível dizer que o “Proagro” não foi apenas o projeto de TCC, que obviamente foi feito com muita dedicação e profissionalismo, e sim o site que fez com que determinadas pessoas procurasse o autor com a intenção de montar ou administrar sites empresariais, assim como prestar serviços de criação de conteúdo para redes sociais, ou seja, os frutos já estão sendo colhidos, mesmo que ainda pequenos, mais rápido do se poderia imaginar.

Referências

AGRONEGÓCIO. In: **Dicio**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/agronegocio/. Acesso em: 15/05/2020

BARBOSA, Suzana. Análise da convergência de conteúdos em produtos jornalísticos com presença multiplataforma. **Mídia e cotidiano**, n.2, p. 141-142, junho. 2013.

BOTELHO, José Claudio. Técnico agrícola, com José Claudio Botelho. [Entrevista cedida a] Fábio Palaveri. 29/09/2020. Disponível em: https://proagroon.wordpress.com/2020/09/30/tecnico-agricola-com-jose-claudio-botelho/.

CARPANEZZI, L. **História e evolução da mecanização**; Revista FAEF, 2018. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/CxbNYOvf8fSKep0_2018-1-25-14-45-46.pdf. Acesso em: 22 de abril de 2020.

CRUZ, Delcy Batista. Jornalista, com Delcy Mac Cruz. [Entrevista cedida a] Fábio Palaveri. 05/10/2020. Disponível em: https://proagroon.wordpress.com/2020/10/07/jornalista-com-delcy-mac-cruz/.

CURY, Joyce Felipe. Fotógrafa, com Joyce Cury. [Entrevista cedida a] Fábio Palaveri. 31/10/2020. Disponível em: https://proagroon.wordpress.com/2020/11/05/fotografa-com-joyce-cury/.

DE SOUZA, Jean Carlos. Engenheiro agrônomo, com Jean Carlos de Souza. [Entrevista cedida a] Fábio Palaveri. 28/08/2020. Disponível em: https://proagroon.wordpress.com/2020/09/09/engenharia-agronomica-com-jean-carlos-de-souza/.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

NASCIMENTO, N. S; GUEDES, M. C. **Jornalismo multiplataforma como estratégia de consumo digital**; Ciberjornalismo, 2018. Disponível em: http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor8/files/2017/08/Artigo-Ciberjor-Nayara-Nascimento.pdf. Acesso em: 23 de abril de 2020.

PINTO, Tales dos Santos. **Plantation, um sistema de exploração colonial**; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/historiab/plantation.htm. Acesso em 15 de abril de 2020.

ROSA, Marcos. Segurança no trabalho e NR-13, com Marcos Rosa. [Entrevista cedida a] Fábio Palaveri. 09/09/2020. Disponível em: https://proagroon.wordpress.com/2020/09/16/seguranca-no-trabalho-e-nr-13-com-marcos-rosa/.

SOUSA, Rafaela. **Segunda Revolução Industrial**; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/historiag/segunda-revolucao-industrial.htm. Acesso em 15 de abril de 2020.

TOOGE, Rikardy. **Agronegócio cresce 3,8% e represente 21% do PIB brasileiro em 2019, diz CNA**. G1, 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2020/03/09/agronegocio-cresce-38percent-e-representa-21percent-do-pib-brasileiro-em-2019-diz-cna.ghtml

TRUE, Will. **Entrevista: Jornalismo multiplataforma significa seguir onde o leitor vai**. IJNET, 2015. Disponível em: https://ijnet.org/pt-br/story/entrevista-jornalismo-multiplataforma-significa-seguir-onde-leitor-vai

VITAL, Andréia. **Agrishow 2019 uma das maiores da história**; Visão Agro**,** Ribeirão Preto-SP, ed 65, p.14-16, mar. 2019.

APÊNDICES

ENTREVISTA: Jean Carlos de Souza

ROTEIRO DE PERGUNTAS: O que faz um engenheiro agrônomo?

Quais e quantos são os seus lugares de trabalho? Usinas? Indústrias? ETC.

Quantos engenheiros agrônomos trabalham juntos na mesma empresa? Você faz parte de uma equipe?

O que mais te agrada na sua profissão?

O que não te agrada muito?

Por qual motivo você optou por ser um engenheiro agrônomo?

Como você enxerga a importância da sua profissão, dentro do agronegócio?

O que você gostaria de dizer para alguém que está pensando em entrar nessa profissão?

DECUPAGEM ENTREVISTA JEAN CARLOS DE SOUZA

Fábio Palaveri: Alô?

Jean Carlos: Oi, Fábio.

Fábio Palaveri: Jean, e aí, tudo certo cara?

Jean Carlos: Certo, e aí como estão as coisas?

Fábio Palaveri: Tudo certo, graças a Deus. Desculpa estar te enchendo essa hora da noite é que...

Jean Carlos: Imagina moço, eu que atrasei aí, o dia estava corrido hoje.

Fábio Palaveri: Não, não tem problema não, cara, eu vou começar te explicando mais ou menos como que eu imagino que vai ser o projeto, para você conseguir entender melhor e talvez formular as suas respostas enfim, sabendo como que vai ser feito. Eu vou fazer uma entrevista com você, perguntas simples sobre a sua profissão, seu curso, enfim.

Jean Carlos: Certo.

Fábio Palaveri: E depois, enfim, com base nessas informações que você vai me passar, eu vou fazer uma matéria e publicar em um site sobre profissões do agronegócio. Eu estou entrevistando profissões distintas, mas que fazem parte desse universo, e pretendo montar um blog tal com essas matérias, e aí vai estar a sua foto lá, a entrevista que você deu pra mim e o texto que eu vou fazer. Você topa?

Jean Carlos: Não, com certeza. Pode continuar aí.

Fábio Palaveri: Eu preciso só que você me confirme, porque eu estou gravando essa chamada se você não se importar, e eu preciso só que você me autorize a usar a sua imagem e as informações porque eu vou veicular isso no site tá.

Jean Carlos: Não, tá autorizado. Com certeza.

Fábio Palaveri: Fechou, olha Jean, primeiro eu gostaria de fazer assim, começar com a primeira pergunta, uma pergunta mais geral, o que faz um engenheiro agrônomo né?

Jean Carlos: O Fábio, acho que a maioria das respostas de um engenheiro agrônomo, depende. Porque abrange muita área. Você pode se especializar em muitas áreas durante o curso. O curso de engenharia agronômica, a graduação, ela abrange muito setor, então você pode ir desde a parte de genética de planta, desenvolvimento de variedade, independente de qual seja a cultura, parte de produção, parte de irrigação, a parte de colheita, de variedades, desenvolvimento de máquinas, assim, é um leque enorme a parte de agricultura e agronomia. No meu caso por exemplo, eu me especializei, em introdução de cana de açúcar, área de cana de açúcar, tudo que envolve a cana de açúcar. Desde a parte de preparo, plantio da cana até a colheita e processamento dela. Não a parte genética, a parte genética eu não me aprofundei muito durante o curso e nem agora durante os meus empregos. Mas a maioria é parte de produção mesmo.

Fábio Palaveri: Entendi, eu vi aqui que você já trabalhou na Usina da Pedra, hoje você está na Vale do Tijuco?

Jean Carlos: Isso, exato.

Fábio Palaveri: E outra pergunta que eu queria te fazer, quais são, quantos são, os seus principais locais de trabalho? Você presta mais serviços para usinas? Ou para empresas propriamente ditas que te contratam? Como que funciona esse lado logístico da coisa?

Jean Carlos: Não, eu fui para a parte de entrar e prestar serviço para a usina mesmo. Contratado da usina. Então eu sou contratado, com carteira assinada, para usina, exclusivamente hoje ali na Vale do Tijuco, apesar de ter mais unidades onde eu trabalho, são três unidades, uma em Canápolis, outra em Limeira do Oeste e aqui em Uberaba. Eu fico aqui na sede que é Uberaba, a matriz, e eu posso prestar serviços para as outras unidades dentro do grupo Vale do Tijuco, CMAA, entendeu?

Fábio Palaveri: Entendi.

Jean Carlos: Mas a minha parte é prestação mesmo de serviço. É um dos ramos também do agronegócio e da agronomia essa parte de vendas, por exemplo que a pessoa é especializada em prestar serviços para outras empresas, como consultoria por exemplo, vendas de insumos, etc. A minha parte é focada dentro da usina mesmo. A produção na usina.

Fábio Palaveri: E dentro da usina como que funciona, é montado um time de engenheiros agrônomos ou é um por área, como que é, como que funciona isso?

Jean Carlos: O Fábio, são alguns engenheiros agrônomos, normalmente assim, os cabeças de equipe já mais experientes, claro, estão separados por setor dentro da usina. Teoricamente a gente tem três principais setores dentro da usina. Administrativo, agrícola e industrial, resumindo aí:

Administrativo é toda a parte burocrática, a parte de planejamento, é o escritório da usina, financeiro, compras, controle agrícola, etc. Agrícola em si é a parte operacional, no campo mesmo. A indústria o nome já diz, é a parte operacional da indústria também.

Eu faço parte do setor agrícola, apesar de ter, se você tá com meu currículo aí, deve ter visto que entrei como analista na parte administrativa, eu trabalhei uns bons tempos tanto na Usina da Pedra quanto na Aroeira, que foi meu antigo emprego, e entrei aqui na CMAA como analista de controle agrícola. Então eu fazia todo o controle e gerava toda informação, qualquer tipo de informação, referente aos tratos da cana. Desde o preparo do solo, plantio, tudo que for colocado na cana até a colheita. Eu passava essas informações para outros supervisores, gestores, etc.

Fábio Palaveri: Entendi, assim, juntando todas essas funções que cabem a um engenheiro agrônomo, no seu caso, o que mais te agrada nessa sua profissão?

Jean Carlos: Cara, é a diversidade, é o encontro com as pessoas, na minha área, não é a área que eu vou conhecer mais gente, porque essa seria a área de consultoria, vendas né, porque a pessoa presta serviços e vai de local em local. Mas a minha área ali eu estou em contato com muitas pessoas, eu estou em contato com toda a parte de produção, no meu caso da cana de açúcar e algumas outras culturas que a gente tem contato. E assim, eu estou colocando em prática tudo que eu estudei nos meus cinco anos de faculdade. Eu estou vendo tudo que eu mais prestei atenção da faculdade, assim, parte de produção, parte prática, eu estou vendo agora eu tenho contato agora, eu tenho contato com pessoas mais experientes, bem mais experientes, então todo dia é um problema diferente que aparece para resolver, é um negócio bem dinâmico, você aprende a lidar com pressão, com prazo, com qualidade de serviço, tudo junto. Usina é um negócio assim, dinâmico, muito dinâmico, a indústria de uma usina fica 24 horas rodando então assim, a gente tem que ter esse planejamento e organização para fazer rodar as 24 horas mesmo não estando lá as 24 horas. A gente aprende demais, todo dia é um aprendizado novo. É isso aí.

Fábio Palaveri: Bom, é bacana porque não é um serviço monótono né, eu acho que cada dia tem um problema diferente para resolver.

Jean Carlos: Isso.

Fábio Palaveri: É justamente isso que eu queria te perguntas, desses problemas, o que não te agrada muito nessa sua profissão?

Jean Carlos: O que não me agrada cara? Não sei. Não sei te falar. Na verdade, no dia a dia a gente acaba as vezes estressando, volta para casa pensando no que foi no dia, no que vai ser no dia seguinte, as vezes não dorme direito, acredito que assim, um profissional que trabalha em usina, principalmente usina por ter esse dinamismo essa correria 24 horas, mais puxado que alguns outros setores, mas não tem o que... depois que você para, pensa e faz o negócio dar certo apesar de toda dor de cabeça que dá, acho que em qualquer outro serviço, mas depois que você vê a produção dando certo, você chega no final de safra e produziu além daquilo que você queria. Você vê quando você trata uma cana por exemplo, você a vê produzindo além do que você esperava, é mais satisfatório e é mais gratificante do que as dores de cabeça que você teve no meio do caminho.

Porque dor de cabeça eu acredito que tenha em qualquer setor, falando também além da agronomia. Qualquer jornalista, advogado, etc, vai ter dor de cabeça aí na caminhada, mas, você ver acontecendo ali, é muito gratificante, é mais gratificante, supera as dores de cabeça e o stress do dia a dia. A gente reclama na hora, mas depois é legar de ver o resultado.

Fábio Palaveri: O resultado é sempre gratificante né, e assim, o que te motivou a prestar a faculdade para virar um engenheiro agrônomo?

Jean Carlos: Fábio, eu, na escola, desde o fundamental, ensino médio, eu sempre gostei mais e fui melhor nas matérias de biológicas, ciências, química, depois aprofundando um pouco mais, botânica, tudo. E foi uma oportunidade que eu tive na época, hoje em dia muito diferente né, questão de vestibular, escolha de curso, e na época eu tive uma palestra de profissões, já no terceiro colegial, vários profissionais entravam na escola lá, davam palestra explicando resumindo o que que era o serviço deles, mais ou menos como eu estou fazendo aqui agora, para orientar a gente que estava lá com 17 para 18 anos, ainda não tinha muita coisa formada na cabeça, isso para instruir mais ou menos para orientar o que iria ser dali pra frente, escolher qual profissão. E outra, sempre gostei também, minha família, do meu pai, é do sul de minas, não tem fazenda grande, nenhum é grande fazendeiro nem nada disso. Tem tios meus que tem sítio pequeno alguma coisa mas sempre gostei de estar ali envolvido no meio, e achei que seria bom poder me formar nisso, me especializar nisso, para um dia participar disso, ter alguma área para eu cuidar, desenvolver essa parte minha de biológicas. E gostei, gostei muito, é muito gratificante hoje eu estar desenvolvendo tudo que eu aprendi, na faculdade.

Fábio Palaveri: Você iniciou no mercado de trabalho com quantos anos?

Jean Carlos: Eu acabei a faculdade eu tinha 23 anos, de 23 para 24 anos.

Fábio Palaveri: E aí você já entrou na Usina da Pedra? Qual foi a primeira?

Jean Carlos: Isso, o meu estágio na Usina da Pedra foi um estágio de conclusão de curso. Os últimos seis meses da faculdade de agronomia era obrigatório a gente estar em alguma empresa cursando esse estágio no determinado período. Em questão dos créditos e tudo mais para a gente fechar o curso. Então eu fiquei 5 meses fazendo esse estágio obrigatório, e depois fiquei fazendo um período, coisa de acho que três ou quatro meses a mais. Fora o período de estágio, que eu acabei a faculdade apresentei meu TCC apresentei meu trabalho de conclusão de curso, e o relatório de estágio, ainda fiquei mais alguns meses na usina, prestando serviços pra eles, acompanhando eles, mas acabou que não deu certo na usina da pedra, por que na época o quadro estava cheio enfim, por vários motivos aí. Depois de um tempo eu fui para a bioenergética aroeira.

Fábio Palaveri: Entendi. Você já tem uma certa passagem, uma experiência em umas três aí, pelo menos três áreas diferentes aí. Você mudou aí pra minas em que ano?

Jean Carlos: Foi em 2016 que eu vim pra cá.

Fábio Palaveri: Fazem quatro aninhos já, eu queria te perguntas, na sua opinião claro, como você enxerga a profissão de engenheiro agrônomo, a relevância e a importância dela para dentro de uma produção, seja ela de cana de açúcar, ou de qualquer outro produto, grãos, enfim, pro agronegócio. O papel do engenheiro agrônomo, quanto que ele é fundamental? Você que está lá dentro da usina e consegue acompanhar isso tudo mais de perto.

Jean Carlos: Cara, acho que o que você falou já responde, é fundamental, é quase que inevitável ter alguém, formado nessa área, em qualquer campo que envolva agronegócio, independente de cultura. Tem que ter alguém lá dentro, alguém que eu falo, uma pessoa não dá conta de tocar nenhuma usina pequena, nenhum engenho, tem que ter mais pessoas pensando junto. Mas tem que ter alguém que tenha conhecimento técnico do negócio para fazer funcionar, para fazer ficar viável, sustentável principalmente, e alguém que se atualize sempre, porque o agronegócio é um curso muito dinâmico. Toda hora está aparecendo alguma coisa, alguém desenvolve alguma máquina, alguém desenvolve uma variedade, alguém desenvolve um herbicida diferente, que age diferente, então tem que ter alguém acompanhando isso tudo para que a empresa que a pessoa esteja, ou mesmo que se seja um autônomo aí, para que a pessoa se desenvolva junto com a empresa entendeu? Para manter a empresa atualizada. Principalmente nos dias de hoje né, aqui no Brasil por exemplo, que é uma referência mundial de agronegócio, tem que ter alguém desenvolvendo alguma coisa,

prestando atenção, em fatores climáticos, fator ambiental, e testar junto dentro disso aí para fazer a empresa se desenvolver e gerar competitividade que é hoje aqui no país entendeu?

Fábio Palaveri: Entendi, o Jean, para finalizar a nossa conversa, eu queria que você me dissesse, ou enfim, o que você gostaria de dizer para alguém que está pensando em entrar nesse curso para virar um engenheiro agrônomo.

Jean Carlos: Bom, o que eu falo é a pessoa tem que fazer o que for fazer com vontade, com carinho, com determinação, goste do que você está fazendo, tenha paixão por isso, acorde cedo se precisar acordar cedo, lute para conquistar para sempre evoluir, e o que eu digo de evoluir não é nem se mostrar melhor que os outros, é evoluir você mesmo, porque conforme você vai melhorando seu desempenho é como eu te disse, você vai vendo os resultados e é muito gratificante, e o setor do agronegócio, que aqui no Brasil pelo menos, é referência, é bom você estar no meio, eu gosto de estar no meio, o meu intuito claro é me desenvolver mais, mais para frente quem sabe dar consultoria, conhecer novos mercados, conhecer mais gente, ficar mais conhecido nesse ramo, mas é um ramo muito gratificante de lidar com ele. É muito desafiador na verdade, e pra quem gosta de desafio, tem muitos, milhares, na verdade. A verdade é que a gente precisa de bastante gente nesse setor. Tem muito desafio pela frente aí.

Fábio Palaveri: Você comentou que no Brasil o agronegócio é referência. Você pretende buscar alguma multinacional quem sabe, se aparecer a oportunidade?

Jean Carlos: No momento Fábio, não sei se seria essa a ideia. Porque eu estou numa fase, seguindo o ramo de usina, estou em uma fase de desenvolvimento. Estou gostando de onde eu estou, estou gostando das perspectivas que eu tenho pra frente aí, da minha visão para o futuro, mas, tudo depende da proposta, tudo depende do futuro aí, mais para frente daqui a cinco ou dez anos pode ser que minha cabeça mude, já tenha evoluído, tenha mais maturidade também para pensar de outro jeito, mas é um setor que eu gostei muito de estar nele desde o começo, alguns outros setores eu não me vejo participando por exemplo no setor de vendas, não sei se eu tenho o perfil pra isso por exemplo, participar de uma multinacional de vendas, eu acho que a pessoa tem ou já nasce com o dom de vendas né, com o dom de conversa, o dom de lábia, ou desenvolve bem, pelo menos eu não me vejo assim. A minha perspectiva hoje nesse mercado a onde eu estou, no setor sucroalcooleiro, para mim está sendo boa entendeu? Eu acho que mais alguns anos vou ficar por aqui.

Fábio Palaveri: Está certo. Jean, eu tenho que te agradecer demais pela entrevista, eu estou também correndo com a minha faculdade, estou terminando as coisas para acertar o trabalho do TCC...

Jean Carlos: Não, ótimo, maravilha.

Fábio Palaveri: Eu também agora se Deus quiser em dezembro eu me formo como jornalista e vou começar a minha vida e só isso, tenho que agradecer bastante essa força e eu vou precisar de mais algumas coisas por exemplo, muito provavelmente na matéria eu vou precisar de uma foto sua, então não sei se você já tem uma foto profissional, que talvez você goste de usar ou uma foto sua dentro da usina enfim, que você poderia usar. É claro, eu dou os créditos da imagem sem problema nenhum, então eu queria que você ou selecionasse algumas e pode me passar pelo WhatsApp mesmo, as que você se sentir melhor em me mandar porque provavelmente eu vou publicar umas duas, três fotos na matéria para ficar bacana.

Jean Carlos: Entendi, tem algumas sim, eu te passo sim, pode deixar.

Fábio Palaveri: Fechou Jean, valeu, eu estou indo nessa, e qualquer coisa você tem meu WhatsApp.

Jean Carlos: Tá certo. Bom TCC, e foque nele, é importante demais, depois daqui uns anos você vai ver que ajuda muito o esforço que você está fazendo agora. Beleza?

Fábio Palaveri: Valeu Jean, até a próxima.

Jean Carlos: Valeu, tchau tchau.

ENTREVISTA: Marcos Rosa

ROTEIRO DE PERGUNTAS: O que faz um inspetor de equipamentos de alto risco?

Onde a NR-13 é aplicada?

Quais os seus principais locais de trabalho?

Além das indústrias dentro das usinas, quais outros equipamentos e estabelecimentos precisam de inspeção técnica?

Quais os principais acidentes causados pela falta de manutenção ou inspeção incorreta desses equipamentos?

É possível viver, financeiramente falando, apenas como profissional de inspeção?

Para você, qual a importância de um especialista em NR-13 para o agronegócio?

O que você gostaria de dizer para alguém que está pensando em entrar nessa profissão?

DECUPAGEM ENTREVISTA MARCOS ROSA

Fábio Palaveri: A reunião tá gravando agora, essa aqui nós estamos no dia 09 do 09 de 2020, estou conversando com Marcos Rosa é o Marcos ainda não começou contra o podcast mas enfim eu gostaria de saber se eu posso utilizar a sua voz né seus dados, não a sua imagem, mas enfim as informações que você me passar para veicular no meu projeto de TCC. Não tem fundos comerciais, mas eu vou precisar da sua autorização tudo certo?

Marcos Rosa: Sim claro, tá autorizado sim tá, imagens se precisar também colocar alguma imagem alguma coisa e tudo mais.

Fábio Palaveri: Vou começar a gravação aqui já, já começa as perguntas fechou?

Marcos Rosa: Fechou.

Fábio Palaveri: É uma honra ter você aqui com a gente, hoje no podcast agrotópicos o meu bate-papo é com ele, Marcos Rosa, profissional com mais de 20 anos de experiência em tudo que diz respeito a norma regulamentadora de nº 13, do Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil. Nesse episódio conversamos principalmente sobre segurança no trabalho, não é mesmo Marcos? Obrigado pela surpresa!

Marcos Rosa: Legal Fabião, legal cara. É um prazer também tá aqui com você tá eu acho que é muito importante o trabalho que você faz dá Proagro né, faz com que os profissionais da área do agronegócio conheça um pouco mais sobre as ações sobre também que acontece dentro da indústria que move né o agronegócio, parabéns pelo seu trabalho viu.

Fábio Palaveri: Eu que agradeço, o Marcos eu vou começar a perguntar para você algumas coisas porque eu quero conhecer um pouco mais da sua profissão, primeiro né claro o que que faz mais ou menos assim um inspetor de equipamento de alto risco?

Marcos Rosa: Tá essa pergunta é bem abrangente aí eu vou tentar resumir ela aqui, para mim fica mais bem mais fácil para aí no geral conseguir entender. Um inspetor de equipamentos ou um profissional habilitado como a gente chama dentro da Norma 13 é o responsável pela integridade e segurança dos equipamentos de alto risco. Ele precisa ter na mente o critério de avaliar tecnicamente com recursos né da, da indústria dos ensaios das análises são voltadas para a área da metal mecânica para avaliar o equipamento se ele está ou não para ser utilizado ou para continuar o trabalho. Então no exemplo de indústrias hoje em dia existem centenas de vasos de pressão que são considerados equipamentos de alto risco e esses vasos de pressão são categorizados né então a norma NR13 categoriza eles de um a cinco, dependendo grau do risco, sendo que um é o menor. Cada um desses equipamentos ou cada tipo de inspeção executada a inspeção inicial ou periódica ou até mesmo uma inspeção extraordinária, ela precisa passar por alguns critérios então de acordo com cada situação o profissional habilitado é o responsável pelo inspetor, ele vai avaliar quais os melhores ensaios que ele

está executando os resultados né, que garantem a segurança e integridade. Um exemplo aço carbono por exemplo que é o material que se usa né para fabricar os equipamentos ele tem vida útil, tem de vida né então você tem lá uma chapa de 12 mm de espessura depois de 20, 30, 40 anos ela pode estar 118 mm. É um desgaste entendeu. E aí esse desgaste ele tem que ser medido de alguma forma então por exemplo uma medição de espessura por ultrassom vai avaliar quanto de material foi perdido de desgaste natural do processo. Esse é um dos ensaios o ensaio visual é o outro ensaio de líquido penetrante, o outro uma metalografia usa muito também é uma estrutura do material. Como eu disse né é muito amplo isso, mas o trabalho é esse, é desenvolver métodos para garantir que o equipamento está entendendo ele está bem os parentes de fabricação para aquele projeto específico certinho.

Fábio Palaveri: O Marcos, e você comentando aí de vasos de pressão, caldeiras, então eu imagino que o local principal aí do trabalho do inspetor seja principalmente dentro das indústrias né, mas tem outros lugares aí que esses objetos requerem a inspeção da Norma?

Marcos Rosa: Esses itens aí cara, excelente pergunta, a maioria dos equipamentos eles ficam nas indústrias então tem como você é de Sertãozinho né e eu também estudo aqui da região Sertãozinho tem muitas usinas de açúcar, então as usinas de açúcar e etanol por exemplo você tem lá a destilaria, elas têm a mão de obra em caldeira né, que é o coração da usina. Esses equipamentos a maioria deles, esses têm, né ali instalados faz a inspeção. A caldeira é um grande vaso de pressão né, ela é de categoria 1 todo ano tem que ser inspecionado, mas não é só por dentro. Na parte agrícola também existem vasos de pressão quer ver um exemplo vou dar como exemplo que são os caminhões comboio, então para você fazer lubrificação manutenção de colheitadeiras da roça lá no campo para fazer essas manutenções caminhões comboios eles têm vasos de pressão com compressores de ar. São diversos tipos de óleo então aí vai partir de óleo esses óleos são usados na lubrificação das máquinas em Campo. E então para não precisar trocar todas as máquinas para oficina simplesmente para trocar o óleo né que ele tem lá suas manutenções periódicas então eles levam esses caminhões comboio a gente chama né para lá e eles levam os caminhões comboio geralmente eles tem de 16 a 9 vasos de pressão em cima deles e esses vasos a maioria deles de categoria 5. Eles não têm tanto risco como uma caldeira, mas eles também têm a sua classificação de risco, eles precisam passar pelos mesmos processos de inspeção que um vaso de uma indústria precisa.

Fábio Palaveri: Entendi, o Marcos você comentou aí que claro a caldeira em fins vasos de pressão são todos os itens relacionados aí dentro da indústria. Você pode encontrar, mas assim não é só em usina de cana enfim em usinas do Agro que você precisa ter um

profissional especializado na nr13 né? Onde mais existem assim equipamentos aí de por exemplo bombas de pressão tubulações que precisam ser inspecionadas constantemente?

Marcos Rosa: Existem outras áreas Fábio, na verdade sim toda indústria tem vasos de pressão, algumas em mais quantidade maior ou menor, mas eu vou te dar um exemplo. Papel celulose, na indústria de papel e celulose por exemplo tem em média de 200 a 500 vasos de pressão, indústria como a gente citou que uma usina de açúcar etanol dependendo da sua capacidade né usina que mói ali 4000000 toneladas por exemplo tem em média 300 a 400 vasos de pressão. Considerando indústria agrícola algumas outras indústrias e ver um exemplo em clientes da área de autopeças. Esse pessoal tem de grande porte, porém a quantidade em média são menores tem lá entre 15 a 30 vasos de pressão. Agora você tem outras né como laticínios frigoríficos, cara todas essas indústrias possuem vasos de pressão agora eu vou além disso vou pegar um gancho aqui vou além disso com certeza você já foi no dentista né até no dentista tem um compressor de ar, aquele compressor de ar dependendo das dimensões dele, a grande maioria dos compressores de ar, os dentistas também precisam também seguir os mesmos padrões, os mesmos requisitos de inspeção periódica né, com base na Norma NR13. Aí você viu o grau de sei lá o mercado é realmente gigantesco né, o compressor de ar de um dentista também precisa ser inspecionado, borracheiro, uma oficina mecânica então assim enfim todos os equipamentos que trabalham com pressão. Imagina que a grande maioria dos vasos de pressão enquadram-se na NR 13, então realmente não é só nas indústrias, em vários lugares hospitais por exemplo tem vaso de pressão também são as autoclaves.

Fábio Palaveri: É realmente gigantesco o mercado no nosso cotidiano, assim, a gente se depara com vários equipamentos que às vezes a gente nem imagina a tecnologia e o cuidado que tem por trás daquele determinado equipamento né, na sua profissão com certeza você já teve que resolver muitos problemas ou descobrir a causa de alguns problemas enfim eu queria saber quais foram as os maiores acidentes ou principais acidentes e por que eles são causados sabe, pela falta de manutenção ou pela inspeção não qualificada de alguém que prestam serviço mal feito se esqueceu de algum item, o que que pode acontecer assim?

Marcos Rosa: Pode explodir né, veja o tamanho do dano que isso causa no equipamento e claro nos trabalhadores que trabalham indiretamente com aquilo, não é à toa que a gente está falando sobre equipamentos de alto risco né, os vasos de pressão eles só são tratados dessa forma hoje porque realmente eles já foram responsáveis por muitos acidentes catastróficos né, no meio das indústrias principalmente em uma quantidade maior que realmente por isso que os vasos são dessa forma. Antigamente por exemplo a norma NR13 ela é de 1978, já tem

42 anos que ela é aplicada. No começo ela era aplicada somente para caldeiras e vasos de pressão de forma geral depois em 1990 a 91 a revisão dela trouxe então a categorizações então aí os vasos pressão começaram a ser categorizados, eles não tinham então esse grau de complexidade e de risco em equipamentos. Eu já tô a mais de 20 anos né, no mercado da NR13, então eu já passei por muitas situações, vou contar uma aqui uma vez um vaso de pressão, compressor de ar que é um vaso de categoria 5, ele é de menor risco né entre eles, explodiu e matou uma pessoa. Eu já participei de outros acidentes que não morreu ninguém, mas apesar disso né teve um preço isso. E se matou uma pessoa inclusive eu conhecia essa pessoa, não vou falar nomes aqui né, nem a indústria para que não tenha nenhum problema, mas realmente a pessoa ela morreu de um vaso de pressão. E interessante que a gente fez uma análise, fizemos uma avaliação bem a gente faz um estudo da falha né, que é uma análise de falhas dos equipamentos, então a gente pegou aquele compressor de ar para avaliar para saber o que que aconteceu e a maioria das vezes até pensa né ah falhou o dispositivo de segurança, que todo equipamento trabalha com pressão tem que ter um dispositivo de segurança que ele chama de PSV, é a válvula de segurança que ela é calibrada para abrir antes do equipamentos explodir mas no dia assim essa válvula ela estava em ótimo funcionamento. Nesse caso né, nesse Case, não foi problema da válvula, o problema foi que a espessura da parede construtiva do vaso de pressão estava abaixo da espessura mínima de projetos, então o que acontece quando você tem uma espessura abaixo da mínima de projeto a pressão que tá ali dentro ela não, ela não vai abrir né, mesmo com válvula, vai acontecer o que, vai explodir e então por isso que as sessões periódicas são de grande importância para você avaliar qual é o grau e a taxa de corrosão né, a cada inspeção imagina que um aço ele tem uma corrosão de um décimo por cinco centésimos, ele vai diminuindo essa taxa anualmente agora se você não faz a manutenção correta do seu compressor de ar você não tem lá as inspeções periódicas para avaliar isso é isso fica meio que a Deus dará entendeu. E o risco de uma explosão é muito grande, imagina né eu morro de medo de ir em borracharia né que você vê lá aqueles equipamentos bem antigos que realmente não tem manutenção nenhuma sem qualquer supervisão de um profissional né, porque a liberdade que você tem para você mesmo ir lá e operar máquinas as vezes pode se tornar um perigo né, porque algum inexperiente por exemplo calibra mais do que deviam os pneus e pronto né o prejuízo totalmente seu.

Fábio Palaveri: Exatamente, exatamente.

Marcos Rosa: Assim, mas eu tenho medo né de borracharia porque o pessoal não tem e não é porque não quer fazer, porque não, hoje não existe um tipo de campanha do governo sobre

a conscientização desses perigos entendeu, por isso que acontece muitos problemas como esse né. Pode ser que não mas pode ser que a maioria vá e faça realmente vítimas né, e aí a vítima ela não tem como voltar atrás né, o cara morreu morreu, e por causa talvez de uma falta de preparo, falta de informação, então assim só para resumir existe esse lado né, da inadimplência da pessoa que sabe que tem que fazer e não faz. Existe o lado da pessoa que não faz que não sabe o que precisa e não tem informação, e é por isso que eu sempre costumo falar né mas eu tenho um canal no YouTube por exemplo onde ensino pessoas onde elas tem que ir, como elas precisam fazer para manter a segurança e integridade dos equipamentos, e uma coisa que eu faço mesmo para alertar as pessoas né. Agora, sim as pessoas tem que procurar as informações e quem não sabe nem tem que procurar fica realmente de braços cruzados porque não sabe o perigo está correndo, fica vulnerável.

Fábio Palaveri: O bacana da NR13 pelo que eu conferi é que claro, ela preza segurança integridade não só do profissional mas também do equipamento então assim, quem sai ganhando com isso, o profissional que tá trabalhando diretamente com aquele equipamento pelo fato dele ficar mais seguro, o dono da empresa ou indústria enfim, que vai precisar pagar um cara para inspecionar em vez de pagar uma equipe inteira para consertar o erro que às vezes pode ser irreversível.

Marcos Rosa: Pois é, vamos supor aí Deus me livre, mas vamos supor que uma caldeira exploda, assim o tamanho da energia acumulada e a pressão que tem dentro daquele negócio é perigoso ocorrer um acidente aí que boa parte da usina vai ser danificada. É por isso que a norma existe né, por isso que é uma norma compulsória né, a norma compulsória toda a indústria todo mundo que tem um vaso pressão é responsável por ele, o proprietário que é responsável legal por todos aqueles equipamentos e se um equipamento venha a explodir e matar alguma pessoa, ele vai se responsabilizar juridicamente né. E se tiver tudo ok e foi realmente um acidente, se tiver todas as inspeções corretas, tudo bonitinho, tudo certinho, não vai ter outros prejuízos a não ser a indenização de quem morreu ali, e isso pode chegar a milhões né. Eu tenho um vídeo que fala sobre isso né, para que dependendo da quantidade de vasos que estão irregulares, pode chegar de 10 a 15 milhões de reais uma multa. Assim, eu andei dando uma pesquisada até falando sobre acidentes né hoje o Brasil ele paga mais de 1 bilhão por ano por causa de acidentes de trabalho. De indenizações acionadas para acidentes de trabalho. Realmente isso é um absurdo né, porque tem muito acidente de trabalho relacionado a pressão ainda que às vezes nem sempre são homologados, nem sempre são investigados. Porque se o governo tivesse auditores do ministério do trabalho, da economia

e da Secretaria do Trabalho, hoje para fiscalizar todas essas indústrias, muitas vidas seriam salvas com certeza.

Fábio Palaveri: O Marcos, a gente comentou já claro dos riscos enormes de acontecer acidente enfim o quanto que o Brasil gasta com isso achei interessante do que você colocou, realmente às vezes a gente não tem noção da dimensão que esse mercado tem. Você mesmo falou que não tem campanhas governamentais enfim, alertas para que as pessoas possam prestar mais atenção a esse tipo de serviço e que talvez esse mercado não ser, talvez não né, tenho certeza que esse mercado não é tão explorado como ele deveria, por isso que eu quero te perguntar se é possível, claro não precisa dizer assim informações pessoais claro, mas se é possível viver financeiramente, tirar uma grana vivendo como um especialista um inspetor dessa norma regulamentadora.

Marcos Rosa: Sim é verdade, assim essa pergunta que você fez sabe ela é engraçada porque eu tenho um treinamento né, eu faço um treinamento para profissionais habilitados que é o Curso de Alta Performance NR13, e a e a gente sempre comenta sobre a questão dos ganhos né. Hoje assim, tenho certeza que o profissional habilitado treinado e já em atividade, um especialista na Norma não ganha em um exemplo básico, menos que 10 mil por mês. Ele não ganha. Menos que isso no começo ele pode ir conseguindo clientes e tudo mais, mas existe um mercado muito grande aí da NR13. Então imagina que uma inspeção em caldeira por exemplo, fazer uma inspeção de caldeira vai cobrar assim seis mil, quantas cadeiras tem no Brasil, milhares, vasos de pressão dá para cobrar lá mil reais para fazer uma inspeção de vaso de pressão de gás, é mais ou menos mil reais. Imagina quantos vasos pressão tem hoje no Brasil, milhares, porque existem industrias que tem mil vasos pressão e todas elas em vasos por exemplo da área da eletroquímica química, petróleo, mais 1.500 vasos de pressão, então realmente ela é um mercado muito grande. É claro né, pode ter pessoas que vão comentar embaixo do podcast que eu estou maluco. Hoje no Brasil existe muita, muita gente que dá jeitinho para as coisas e quando a gente trata de vida né cara é igual o médico, eu duvido, eu duvido que qualquer pessoa que existe no planeta se for chegar lá no médico agora tem um outro campo né é a medicina vai chegar no médico, o médico fala para ele que ele vai ter que fazer uma cirurgia agora, sei lá uma cirurgia simples, tirar o apêndice, você tá com muita dor, aí eu duvido que o cara fala assim “mas quanto custa essa cirurgia dez mil? Vamos fazer o seguinte faz por dois mil, mas não precisa tirar 100% do apêndice não”. Porque o cara tá lidando com a vida dele, é a vida dele. As pessoas, meus alunos eu falo para todos, faça sem “jeitinho”, jeito certo, honestidade em primeiro lugar, porque quando você é honesto as coisas acontecem. Um engenheiro mecânico profissional habilitado, ele pode até perder né o

direito de exercer profissão. Então existe um conselho, nem se pode tirar o direito de uma pessoa por uma falta de ética. Talvez alguns até inconscientemente, por falta de conhecimento, ou sabendo que está errado, mas faz mesmo assim. Eu já vi situações, clientes me pediu para mim a inspeção deu como reprovada "não mas aprova aí dá um jeito para mim" e eu "cara não faço isso, não adianta vim falar se para você eu dou um jeitinho, nem perca tempo e nem contar comigo porque não vai acontecer" e é isso que eu ensino para os meus alunos. Então assim, olha vai chegar aquela pessoa que vai falar que eu tô louco né, que o mercado da NR13 está saturado, de duas uma, ou ele quer só para ele né ou cara, ou o cara para falar isso ele faz um monte de coisa errada né e ele não pode permitir que um homem, uma outra pessoa chegue lá e começa a fazer jeito certo.

Fábio Palaveri: Marcos, você deu um exemplo aí da medicina, achei sensacional assim as pessoas, você comentou aí tal de prestar serviços por três mil reais se depender na diária pode ser de mil reais uma inspeção de um vaso de pressão enfim, a pessoa talvez que não esteja tão por dentro da área fala "nossa mas tudo isso" mas é o que você falou do médico, a responsabilidade por trás disso é gigante, você é o cara que vai aprovar para que aquela caldeira por exemplo passa a funcionar. Enfim, você tem a responsabilidade de assumir os danos que aquilo pode causar para as pessoas e também para as outras máquinas né, a responsabilidade é muito grande.

Marcos Rosa: Exatamente, e aí a gente não tá falando só de uma vida né, porque uma caldeira hoje não tem um operador só, tem caldeiras que tem lá em entre seis até dez operadores né, e outras pessoas trabalhando no próximo, se acontecer um acidente numa caldeira quem tiver num raio ali de 30m com certeza pode ser fatal. Então assim, a gente tá lidando com várias vidas. Eu já tive perguntas por exemplo de engenheiros que diziam "mas qual que é o nível da responsabilidade de um profissional habilitado" e um equipamento como esse o preço é caro aí o cara falou assim "Ah, mas então mas esse mercado então é muito arriscado"... cara é arriscado para quem faz errado. Quem faz errado é arriscado. Porque hoje a gente tem ferramentas né, para que você garanta a integridade do equipamento. Cara é matemática isso, é a mesma coisa de sentar nessas cadeiras de plástico que tem em barzinho né aí ela é para 110 Kg. A maioria delas se você sentar um cara de 200 kg né, a probabilidade de ela quebrar é muito grande então assim, você tem que fazer tudo dentro da Matemática. Hoje existem aparatos tecnológicos para que se garanta melhor do que antigamente, e a intenção disso tudo com as novas máquinas enfim essa era digital tem contribuído muito. É que a gente quer conseguir cada vez mais acertar a mão, daqui a pouco acidentes vão ser difíceis de ocorrer. Eu dei o exemplo da cadeira né, eu já vi muita gente cair, a pessoa não vai morrer né, mas

vai passar uma vergonha. Agora no geral é a mesma situação, então se eu se eu coloco lá no laudo que aquele equipamento pode trabalhar até 28 kg que a PMTA ou seja a pressão máxima de trabalho admissível dela é 28kg, se o cliente usar 32kg eu não tô errado, eu coloquei lá o limite entendeu, é igual o fabricante da cadeira de 120kg, o cara de 200 sentou lá porque ele quis então assim, a responsabilidade do profissional habilitado é instruir o dono do equipamento para que ele siga as recomendações, que se não seguir as recomendações vai ter uma investigação e o pessoal vai procurar saber quem fez a inspeção, "quem assinou laudo foi o Marcos Rosa que assinou laudo, beleza Ah então tá, olha aqui ó, o set point da válvula tem 32 e não em 28, com base no que eu coloquei no relatório então quem que vai preso não é o Marcos". Siga as instruções, se o cara não seguiu não adianta reclamar, isso aí é igual andar na velocidade correta, agora passa sempre no vermelho, anda sempre na contramão e anda sempre em altas velocidades acima da permitida, é o cara que vai tomar mais multa para perder a carteira. Tudo tem consequência.

Fábio Palaveri: Marcos a gente já falou bastante aqui sobre a NR13, mas assim eu gostaria que você fizesse uma apanhado geral, para você por exemplo, qual que é a importância do Especialista nessa Norma para o agronegócio de maneira geral, para o setor do agronegócio?

Marcos Rosa: A importância é muito grande. Então vamos lá, existem equipamentos que tem custos altíssimos, caldeiras hoje dependendo da caldeira, falar uma caldeira aquatubular com compressões aí elevado de 90 quilos, vai custar em média de 60 a 70 milhões de reais. Você tem um custo muito alto, em um equipamento desse preço você tem que fazer uma boa manutenção, mas não é só manutenção corretiva né. Imagina que uma manutenção corretiva é aquela que você o equipamento fura você vai lá e troca, essa é corretiva ou você vai lá e faz um reparo. Eu falo que a manutenção preventiva é muito melhor né, então hoje os profissionais habilitados, os inspetores de equipamento né, você ter uma gestão inteligente dentro da sua indústria vai ajudar você a criar uma prevenção a longo prazo né. Quer ver um exemplo, tubulações de vapor dentro de indústrias né, as tubulações elas têm também uma vida útil, mas como que eu posso saber qual que é a vida útil a gente chama isso de cálculo de vida em mês. Então imagina se eu fizer uma avaliação a cada 5 anos, você todo ano a cada cinco anos eu vou lá e faço a inspeção e falo assim para o dono da indústria "essa tubulação ela tem uma vida de 15 anos". Olha que legal, então cara já sabe que daqui a 15 anos ele vai ter que fazer a substituição. Então se uma tubulação dessa danificar ele vai gastar de 10 a 15 milhões, ele tem como planejar 15 anos antes a substituição disso. E isso não é só para tubulação, para caldeira que custa milhões, para equipamentos que custam um milhão e meio

de reais, eu falo que um profissional habilitado como eles a gente tá falando de muito dinheiro, de muitas vidas.

Fábio Palaveri: Enfim, a gente já claro, já comentou aqui fez um apanhado sobre a NR13 o nosso bate-papo ele tá quase terminando, mas antes eu gostaria que você dissesse para alguém que tá pensando em entrar nessa área que tá pensando em virar um inspetor técnico, claro que depois vou dar um tempinho para você falar sobre os seus cursos em seu canal no YouTube que é muito bacana, mas assim para um cara que tá pensando em virar um inspetor técnico profissional, o que você gostaria de dizer para ele, ou ela né?

Marcos Rosa: Bem, primeira coisa é que já tem alunas, já tem muitas mulheres né dominando o mercado, agora assim ó que eu tenho para falar primeira coisa que eu vou te repetir vai ser meio redundante o que eu vou falar, sempre mantenha a ética, sempre tenha ética, profissionalismo. Seja honesto nos mínimos detalhes, não entre na onda cara, não faça isso porque o dia que você fizer isso a primeira vez você receber dinheiro por algo que você tá atendendo, isso se chama suborno né, você já vai se corromper e depois que você se corrompeu a primeira vez nunca mais você vai conseguir sair disso então não faça isso. O segundo conselho é se esforce, trabalhe, estude todos os dias. “Ah mas eu já sei sou especialista”, eu tenho mais de 20 anos de experiência e todos os dias eu estudo todos os dias, eu leio a respeito do meu trabalho, porque isso é o que você tem que fazer todos os dias então tem que se esforçar, estudar todos os dias. E o terceiro é foco, foco no trabalho, foco mesmo. A gente tem que desenvolver um foco e gerenciamento muito grande porque senão qualquer pessoa que vai empreender nesse negócio ou em qualquer negócio na vida que você quer empreender se você não tiver foco no gerenciamento, no fluxo de caixa, levantamento de preço, precificação, qualquer coisa que você vai empreender você tem que ter foco, senão você quebra. Então assim, eu já passei por isso por isso que eu estou falando com propriedade, eu já quebrei e eu só consegui resolver esses problemas quando eu comecei a ter foco na gestão, então o gerenciamento na gestão é importante se você não sabe fazer é melhor você pagar para alguém que é especialista em gestão te ajudar a fazer isso. Porque se você não tem isso não adianta, isso não é nem um conselho, mas é algo que eu passo na minha vida, ninguém consegue performar, ninguém consegue ganhar dinheiro sem foco. E se você quer atingir os seus objetivos trabalhando oito horas por dia não adianta, você tem que ter na sua cabeça que você vai gastar 14 horas por dia para você chegar lá, e isso é real cara, trabalhar mais de 8 horas por dia, o cara que trabalha 8 horas por dia ele é mediano, ele vai sempre ter aquela vida, tudo bem não tem problema se ele escolheu aquilo né, mas se ele

quer crescer ele quer ganhar na vida, o cara tem que trabalhar no mínimo 14 horas por dia, esses são meus conselhos para quem tá começando.

Fábio Palaveri: É proporcional né, se o cara tem uma ambição maior ele precisa trabalhar mais. Enfim essas aí são as dicas do Marcos, para você que tá pensando em começar, eu já vou pedir para ele falar um pouco sobre o canal dele tal, apesar de que o nosso podcast está chegando ao fim, mas eu não poderia claro me despedir sem primeiro agradecer a você que tá ouvindo, que tá nos acompanhando aqui no podcast mas claro ao Marcos que teve aqui no podcast agrotópicos de hoje né, obrigado Marcos pode falar essas considerações aí se você alguém quiser te procurar tem um contato tem um canal no YouTube muito bacana que eu sei que você dá algumas dicas, para quem está pensando em entrar nesse mundo da NR13 fica à vontade para falar o tempo é seu.

Marcos Rosa: Primeiramente quero agradecer, eu acho que o trabalho que você faz é fantástico, você está no caminho certo, apesar de novo eu acho que tem um futuro brilhante aí cara, parabéns viu. E sobre o meu sobre o meu canal, há um tempo já a gente já tem postado vídeos na internet, um conteúdo dentro do canal NR13 descomplicada, é só digitar Marcos Rosa que você vai achar lá no YouTube mais de 200 vídeos já gravados, disponíveis de forma gratuita. Eu tenho um canal também no Telegram, é o nosso canal do Telegram, a gente está disponibilizado os mesmos vídeos né, do YouTube lá no Telegram e mais alguns desses podcasts geralmente em áudio também o pessoal tá começando, e também para o pessoal já ter uma luz por exemplo, tenho 20 anos e eu fiz o meu curso que é o Curso de Alta Performance, nós terminamos agora cara de montar a quarta turma né, então hoje dia 9 do 9 de 2020 estamos com a quarta turma do curso de alta performance, estamos nessa turma com 48 alunos nela até agora a maior turma, o curso de alta performance da NR13 é 100% online então de qualquer lugar do Brasil você consegue fazer ele. É um curso que tem muita informação, muita informação mesmo, curso 100% em vídeo aulas, a gente tem também um drive do aluno dentro do curso você tem todo material didático e todo material de apoio, imagina que em mais de 20 anos de experiência eu juntei né muita informação técnica, e modelo de relatórios procedimentos de execução de intenção de controle tão tudo isso também lá no do drive do aluno. O aluno que faz o curso de alta performance ele não vai ter nenhum trabalho com geração de material de apoio ou seja vai ter planilhas orçamentárias e tem um módulo que fala sobre gestão comercial né gente entrega também assim, é um urso realmente completo e além do curso tem uma campanha nas primeiras 10 turmas a gente vai colocar aí gratuitamente a mentoria, ela tem o tema “empreendedor de sucesso com a n 13”. Então traz muito conteúdo bacana, essas seis aulas virtuais né, através do plataformas, a

primeira aula da segunda-feira passada um cara treinador excelente falando sobre empreendedorismo, a visão do empreendedor tem para esse mercado de hoje é dentro do mercado das indústrias então assim, são aulas voltadas mais para área do empreendedorismo eu acho muito bacana isso porque é um diferencial que a gente tem dentro de um curso técnico né. Imagina que você faz até que enfim já ensina como fazer a venda do seu trabalho aí a gente faz aqui dentro da NR descomplicado então assim cara, canal do YouTube, tem Facebook procura lá Marcos Rosa NR13 descomplicada, cara Instagram, no Instagram também eu faço lá constantemente ao vivo pessoal pode perguntar, pode também perguntar pelos Stories muito bacana também, o Instagram é a@MarcosRosanr13, E aí cara obrigado de novo aí participação eu realmente muito feliz em te receber também.

Fábio Palaveri: Eu que agradeço. Essa edição do podcast agrotópicos ela tá chegando ao fim, eu espero que você tenha gostado. Continuar acompanhando toda semana lá também o site Proagroon, curta também a nossa página no Facebook que é facebook.com/proagron. Obrigado e até a próxima, valeu Marcos, valeu pessoal!

Marcos Rosa: Um abraço pessoal, tchau tchau!

Fábio Palaveri: Fechou Marcos.

Marcos Rosa: E aí que que você achou?

Fábio Palaveri: Achei ótimo, você fala muito bem, você parece jornalista mais do que você acha do que você pensa...

Marcos Rosa: Eu preparei uma fotinha que nem...

ENTREVISTA: José Claudio Botelho

ROTEIRO DE PERGUNTAS: O que faz um técnico agrícola?

Quais e quantos são os seus lugares de trabalho? Usinas? Indústrias? ETC.

Quantos técnicos agrícolas trabalham juntos na mesma empresa? Você faz parte de uma equipe?

O que é vinhaça e qual a melhor forma de usar ela?

Você trabalha com aplicação de herbicidas. Como saber com qual praga você está lutando e qual o melhor herbicida pra usar?

O avanço tecnológico facilitou o seu serviço? Com novas ferramentas, etc.

Como você enxerga a importância da sua profissão, dentro do agronegócio?

O que você gostaria de dizer para alguém que está pensando em entrar nessa profissão?

DECUPAGEM ENTREVISTA JOSÉ CLAUDIO BOTELHO

Fábio Palaveri: Eu já vou colocar pra gravar. Tá gravando a reunião. Primeiro eu queria que você me autorizasse claro a usar a sua imagem porque provavelmente eu vou colocar uma foto sua lá na página. Vou pedir ou pra Letícia não sei se ela tem já uma foto sua no seu trabalho enfim, e também claro pedir autorização para usar suas informações né, isso é uma questão de segurança para eu não ter problemas com a minha orientadora enfim. Está liberado usar, posso ficar tranquilo?

José Claudio: Uhum, sem problema algum.

Fábio Palaveri: Fechou, vamos lá, bom primeiro uma pergunta bem simples. Eu queria saber assim, de maneira geral, o que faz um técnico agrícola?

José Claudio: Aqui no meu trabalho, aqui a fazenda é uma fornecedora de cana da usina né. O técnico agrícola no meu caso, eu trabalho com a técnica mesmo propriamente dita. Então eu trabalho com a parte de aplicação de vinícola, trabalho com a parte de reflorestamento, trabalho com a parte de vinhaça e todos os tipos de controle de doenças e pragas relacionadas a cana. Esse é o trabalho meu de campo. Eu cuido dessa área, eu coordeno essa área toda. Eu tenho meu supervisor que é um engenheiro agrônomo que fica no escritório. Eu passo toda minha área do campo pra ele, e ele também me acompanha, trabalhamos em conjunto. Eu sou da área e ele é o engenheiro agrônomo. Eu passo todas as informações do campo pra ele.

Fábio Palaveri: E aqui eu tenho aqui que você está atualmente na Humos Agroterra, é isso?

José Claudio: Isso, na Humos Agroterra.

Fábio Palaveri: É uma empresa, é uma usina? Como é que é?

José Claudio: Hoje é uma fornecedora de cana, para a usina Biosev. Aqui já foi uma usina, mas muitos anos atrás, chamada Usina São Vicente. Então a parte industrial nós paramos, ficamos só com a parte agrícola. A gente planta, cuida da cana e entrega na usina né, na Biosev.

Fábio Palaveri: A Biosev é a Santa Elisa né, que vocês entregam né?

José Claudio: É, que era a Santa Elisa.

Fábio Palaveri: Entendi.

José Claudio: Era antigamente a Santa Elisa e hoje é a Biosev.

Fábio Palaveri: Você já passou pela Usina da Pedra? O que você fazia lá?

José Claudio: É essa área também, eu trabalhava na parte técnica também.

Fábio Palaveri: E agora já que você falou aí que você trabalha com área de vinhaça, aplicação de herbicida, eu queria saber quantos e quais são seus lugares de trabalho. Você falou aí, você trabalha especificamente dentro de usinas, ou dentro das indústrias ou no campo só, como que funciona isso?

José Claudio: A minha área é totalmente...

Fábio Palaveri: Eu não to te ouvindo, está cortando.

José Claudio: Eu trabalho no campo, a minha área eu desenvolvo todo meu trabalho no campo.

Fábio Palaveri: Uhum, e assim, vamos supor aí que a empresa contrata você, um técnico agrícola. Quantos técnicos agrícolas possuem dentro de uma empresa? Você faz parte de um time, de uma equipe ou você trabalha sozinho, supervisiona uma área como que funciona isso?

José Claudio: É, normalmente em usina, usina geralmente eles têm uma equipe grande, tem bastante técnico. No meu caso eu trabalho sozinho. Eu que faço toda a área de campo aqui, e tem o meu supervisor que é o engenheiro agrônomo né, encarregado. Só nós dois trabalhamos nessa área do campo. Mas em usina geralmente trabalha um grupo grande de técnicos.

Fábio Palaveri: Quantos assim, em número mais ou menos, um chute aí.

José Claudio: Dependendo do padrão da usina, eu imagino que as vezes chega a trabalhar até 30 técnicos. Eu já cheguei a trabalhar com 30 técnicos na Usina da Pedra. Agora eu não sei ao certo hoje, mas acima de 20 é quase certeza que trabalha na usina, de técnicos.

Fábio Palaveri: É grupo grande então.

José Claudio: É, tem usina que contrata muito técnico.

Fábio Palaveri: Você comentou que um de seus serviços no campo é aplicação de vinhaça, eu queria saber claro que o que é vinhaça e qual a melhor forma de usar ela.

José Claudio: Eu só tive um probleminha no início da pergunta, mas eu entendi, o que é vinhaça...

Fábio Palaveri: Isso, o que é vinhaça e qual a melhor forma de usar ela, isso que eu queria saber.

José Claudio: Bom, a vinhaça ela é um resíduo da fabricação de etanol, tem vários componentes que existem dentro dessa vinhaça. É uma sobra, esse resíduo é uma sobra na hora da fabricação do etanol, do açúcar, então é um subproduto que é jogado fora né. Antigamente ninguém usava vinhaça, então se jogava em beiras de rios, lagos, causava um dano ambiental muito grande, com o passar dos anos eles desenvolveram e foram

melhorando. Hoje sabe-se que ela é importantíssima para a cana na fase de irrigação. Só que você tem de jogar ela controlada.

No nosso caso aqui, eu jogo a vinhaça controlada, em que... vai dar em média... 500 quilos por hectare, vai dar em média dez mil metros quadrados né. E nessa irrigação a gente ferve a água com os produtos químicos que compõe a vinhaça que dão os nutrientes de que a cana precisa. Então a gente aproveita esses nutrientes e também a água da vinhaça pra fazer a irrigação. Então ela serve tanto pra irrigar quanto pra fertilizar também a cana, só tem que saber jogar ela, porque se jogar com excesso dá problema no solo também.

Fábio Palaveri: Então, qual a melhor forma de usar ela? Por exemplo, você acabou de comentar que se você jogar demais acaba prejudicando e se você jogar de menos não atinge aquilo que você precisa. Como que é feito esse estudo? Ou é com base na análise que você faz de uma safra pra outra, como funciona isso, para você saber o quanto que você tem que jogar?

José Claudio: Então, no caso da vinhaça você pega o produto e você leva em um laboratório. Aí eles te dão a quantidade do produto presente naquela quantidade de vinhaça. Depois dessa análise você faz a aplicação no campo. Você já tem em mãos o resultado. O método de aplicação é com o aspersor, aquele canhão, a gente chama de aspersores. Ou com caminhão. Tem algumas formas de você aplicar elas no campo. Como o resíduo da água já do laboratório você já sabe como você joga.

Fábio Palaveri: Então vocês passam para um outro setor, e eles te passam a solução ideal para vocês jogarem.

José Claudio: Você faz uma análise química da vinhaça. O laboratório te envia a quantidade e fala "é tal, tal, tal" aí a gente joga. Não pode jogar perto de nascente, pois tem problema ambiental. Tem que jogar uma distância média de 100 metros da nascente de água. Para não correr o risco de escorrer na nascente. Porque ela pode contaminar a nascente da água, e isso dá um problema ambiental também. Então você tem um certo cuidado pra aplicar ela, tem que saber muito bem como aplicar ela.

Fábio Palaveri: E é muito mal cheirosa a vinhaça né, ela tem um cheiro forte né?

José Claudio: Muito, você sai da usina com um cheiro... O pessoal trabalhando no dia a dia já acostuma, nem liga muito, mas no começo não é fácil. Mas ela é muito útil pra cana.

Fábio Palaveri: Ah sim, o interessante da vinhaça é que é algo que seria jogado fora e que eles passam a perceber que aquilo é muito mais vantajoso reutilizado do que só jogar fora né. Assim como o bagaço é aproveitado da cana, a vinhaça é aproveitada, é muito bom, muito bacana.

José Claudio: Exatamente.

Fábio Palaveri: E o técnico agrícola, a profissão do técnico agrícola, que é o que a gente está batendo papo aqui, ela envolve dentro dessa mesma profissão o conhecimento aí de várias áreas. Vinhaça, reflorestamento que você falou, corte de cana enfim. O cara tem que conhecer de alguns assuntos. E eu vi aqui também, a Leticia havia me falado que você também faz aplicação de herbicida, certo?

José Claudio: Certo. Exatamente.

Fábio Palaveri: Então assim como perguntei da vinhaça vou perguntar do herbicida. Como saber, como você sabe com qual praga você está lidando e qual é o melhor herbicida pra ela, entendeu?

José Claudio: Bom, igual a vinhaça. Várias marcar e empresas multinacionais elas são fabricantes de herbicidas, dos agrotóxicos... posso falar o nome de algumas ou não tem necessidade?

Fábio Palaveri: Claro pode falar, pode falar.

José Claudio: ABAE, Syngenta, essas empresas elas são multinacionais e elas que fabricam o herbicida. O princípio ativo vem da china e etc. Então eles têm um trabalho de longos e longos anos. Levar cana para os laboratórios, para pegar as ervas daninhas e são prejudiciais a cana, corda de viola... Então eles levam esses materiais lá para o laboratório. Lá eles desenvolvem o produto que não são seletivos a cana, mas são prejudiciais a erva daninha. Então a partir desse momento que eles chegam a uma conclusão do produto, eles lançam no mercado. "Olha esse produto ele é bom para isso, ele é bom para acabar com as ervas daninhas, e essa praga e essa doença e ela não atinge a cana". Passam dez anos, 12 anos até eles desenvolverem um produto, já tem muitos no mercado, desenvolvidos, mas eles sempre tão desenvolvendo, sempre tão desenvolvendo.

Fábio Palaveri: Mas então eles...

José Claudio: Então quando chega uma feira...

Fábio Palaveri: Pode falar, pode falar...

José Claudio: Então eles lançam um produto todo ano, mas nós já temos vários tipos de produto no mercado, que já estão lançados no mercado. Então, com essas informações que nós obtemos deles, né, a gente faz a aplicação no campo.

Fábio Palaveri: Então basicamente é com base em tentativa e erro os estudos deles né. Eles veem qual que mata o herbicida, quer dizer, o que mata a praga e o que preserva a cana.

José Claudio: Exatamente. Demora ali 12 anos, dez doze anos para sair no mercado. Só que eles já têm muito produto no mercado. Só que a planta dependendo do ativo da cultura, se

você aplicar várias vezes o mesmo herbicida, ela vai criando resistência. Então você tem que estar sempre mudando o herbicida do princípio ativo, porque com o passar dos anos se você aplicar sempre o mesmo produto a própria planta ela vai criar uma resistência aquele herbicida. Então você tem que ir mudando e está sempre lançando no mercado novos produtos.

Fábio Palaveri: Entendi. E mais ou menos qual que é o tempo que você precisa mudar de um herbicida para outro assim, que a planta já se adaptou aquele herbicida. Ou depende da marca que você está usando, enfim.

José Claudio: É, mas depende da planta também né. Pode demorar vários anos. Mas você pode trocar para um herbicida novo por ser mais eficiente que aquele mais antigo também. Você pode usar um herbicida mais novo que está saindo no mercado esse ano. "Olha nós estamos no mercado lançando um produto novo". Porque antes se usava herbicida em emergências quando a planta já tinha se desenvolvido. Aí você usava pra matar as ervas daninhas. Hoje nós já temos no mercado produtos que se aplica na hora da colheita da cana, assim que colher a cana você aplica automaticamente aquele produto ali, você o usa para segurar a semente. Quando chove a sementeira quer sair pra brotar, o herbicida já está ali segurando as daninhas, qualquer tipo de erva daninha. Hoje nós temos muita resistência a corda de viola, erva daninhas. Plantas de folhas largas elas resistem muito. Porque existem plantas de folha larga e plantas de folha estreita né. Mamona é folha larga, cipó, tudo folha larga, colonião, essas outras plantas são gramíneas. Tem herbicida pra folha larga e herbicida pra gramínea também. Então quando você faz a aplicação dependendo da folha larga... porque nós temos um problema porque a folha larga corda de viola está sendo trabalhoso, mas nós estamos tentando seguir e conviver com ela. Estamos fazendo de tudo para eliminar ela também. Agora a gramínea não, a gramínea já está bem controlada. Os produtos novos que chegaram seguram muito bem a sementeira da erva daninha.

Fábio Palaveri: Entendi. Agora eu vou aqui para a próxima pergunta porque eu estou seguindo uma listinha de perguntas aqui para não me perder. A gente sabe que o agronegócio é uma das primeiras áreas que garante a economia do Brasil. É um modo de cultivo, exportação e importação que acontece faz muito tempo, antes do Brasil se chamar Brasil já tinha agronegócio enfim. E a gente sabe, é só observar dentro da Agrishow, Fenasucro enfim, essas feiras, que a cada ano a tecnologia permite que se lança uma ferramenta nova, um serviço novo, enfim. Eu queria saber o quanto que isso afetou no seu trabalho, o quanto que a tecnologia facilitou seu serviço, mudando alguns processos que você dependia de alguma

coisa mais braçal ou enfim, possibilitando ver através da tela de um computador o estudo em tempo real, como que a tecnologia ajudou você dentro dessa profissão.

José Claudio: Bom, pra mim o que mudou muito foi a aplicação de herbicida. Antigamente nós aplicávamos com vários tratores pequenos, para fazer uma grande quantidade de área. Hoje nós aplicamos com dois tratores grandes, ligados a GPS, e praticamente faz todo o trabalho dos outros tratores em duas pessoas. Então, economicamente fica muito mais viável. Em duas pessoas você faz o trabalho. Tanto que antigamente existia um manual para arrancar colonião, capim, essas coisas todas, com enxadão, enxada essas coisas.

Hoje com dois tratores você faz a fazenda inteira que são praticamente 2500 alqueires. Em uma tecnologia muito mais avançada a aplicação é bem mais tranquila, sem muito custo adicional, manutenção barata pois o equipamento é novo, é uma série de vantagens que se deu em aplicação de herbicidas. Agora as outras áreas como no caso da vinhaça, já tem anos que nós estamos trabalhando com esse modo de irrigação por aspersão, até agora não mudamos muita coisa não, mas basicamente pra nós o que mudou muito foi mais a herbicida, a herbicida de precisão né.

Fábio Palaveri: Então a área de aplicação de herbicida foi a mais afetada, enfim. Agora eu vou para uma pergunta menos técnica e um pouco mais pessoal, para saber um pouco sobre a sua opinião. Assim, pra você a sua profissão, o quanto que ela é importante dentro do agronegócio de uma maneira geral. O quanto que um técnico agrícola é importante pro funcionamento do agronegócio?

José Claudio: Ah... como que vou poder te explicar... o técnico tem o conhecimento de tudo que estou dizendo, do plantar da cana, dos métodos de aplicação de herbicidas, como fazer o manejo correto da aplicação de herbicidas, o que fazer no caso do aparecimento de uma praga na cana, o conhecimento que você tem de variedades de cana para resistência de pragas, então todo esse conhecimento que você tem você passa pra frente. O pessoal vem perguntar, vem querer saber, pegar informação para mudar também em relação a tecnologia. "Olha tem que fazer isso, isso e aquilo para mudar", o cara vem e pergunta, como que poderia fazer, e nós com muitos anos na área, então basicamente é isso, você colabora de certa forma. Eu estou aí a mais de 30 anos no ramo, colaboro com o conhecimento que eu tenho. Eles vêm com as novas tecnologias novas e eu venho com meu conhecimento de campo. E aí a gente faz uma união, onde de repente dá certo, e isso ajuda a economia, agronomia e agropecuária.

Fábio Palaveri: Você está por dentro ai desse setor e eu já ia quase encerrar a nossa conversa sem antes perguntar sobre reflorestamento, porque assim, quando eu penso em reflorestamento uma pessoa que está de fora do agro, eu imagino que você esteja plantando

arvores para fazer uma floresta, talvez não seja tão relacionado a essas arvores sendo uma cultura sabe? E como você diz reflorestamento, como que funciona o reflorestamento no serviço do técnico agrícola, qual a sua função dentro dessa atividade?

José Claudio: Aqui pra cá, começou o reflorestamento. As nascentes dos rios, das minas, das represas, praticamente foram destruídas com o passar dos anos, aí cheguei aqui e fiz esse projeto para o reflorestamento, para construir áreas de preservação permanente. Essas áreas de reflorestamento são apenas só em nascentes de água, minas, então a gente faz um plantio, foi feito um estudo para saber o que existia aqui antes de ser destruído anos atrás. Então quando foi feito esse estudo descobriu as arvores nativas aqui da região. Então de 2001 pra cá nós começamos a reflorestar toda essa área que foi degradada, hoje nós já plantamos mais de 100 mil arvores e vamos continuar o projeto até 2031 para fazer tudo. Então nosso projeto vai até 2031. Reflorestar toda a área que foi degradada a 50 anos atrás, 60 anos atrás, isso só com arvores nativas, nós não plantamos arvores que não sejam nativas. Cada nascente, 30 metros em volta é feito o trabalho, todo ano nós fazemos isso.

Fábio Palaveri: E esse serviço é contratado pela prefeitura ou é dentro da própria empresa aí, da Humos?

José Claudio: Não, nós da empresa que faz tudo. Nós é que fazemos tudo. Nós temos um viveiro aqui, mas a forma dele, nosso viveiro é muito pequeno. Geralmente a gente compra arvores nativas de outros viveiros fora daqui da nossa região. Dá em média sete mil mudas quase. Hoje nós estamos plantando 7 mil mudas. Nós plantamos menos agora estamos plantando um pouquinho mais, por ano. Já estão voltando animais, macacos, lobos, a gente está vendo um monte de animais que já estão voltando pra esse cerco. Onça parda. A fazenda ela está inserida nesse negócio do agronegócio nesse reflorestamento. A própria empresa ela exige que a gente faça também. Ela cobra da gente que temos que fazer esse reflorestamento.

Fábio Palaveri: Mas é algo muito bom porque até a qualidade no ar, "até né", uma das principais coisas que mudam é a qualidade do ar né, porque você vai pra cidade grande você não aguenta respirar.

José Claudio: Então. Aqui a gente tem também o problema também o seguinte, essas queimadas né. Essas queimadas são terríveis. O pessoal pensa "ah o produtor queima", o produtor não queima... queimar cana, se cair em uma mata dessa de reflorestamento, o prejuízo é enorme, você tem que manter caminhão pipa, então todo produtor rural ele tem uma preocupação ambiental que poucos imaginam que ele tenha. O pessoal acha "ah o produtor rural não ta nem aí, vai lá põe fogo, queima" é o contrário. O produtor rural é muito preocupado com essa parte do ambiente.

Fábio Palaveri: Então você acha que essas queimadas, que está toda hora na televisão, é incêndio clandestino, ou natural...

José Claudio: É, pode ser, incêndio criminoso ou natural. Mas isso eu garanto 100% que não faz parte do produtor rural. Porque se você tem uma cana que cortou agora no mês de agosto, julho agosto, um pouco antes, a cana deve estar com meio metro, um pouco mais... Essa cana é um ano até você voltar a cortar ela. Se tiver um incêndio e queimar, já era, porque você vai perder mais três meses da próxima safra até recuperar de novo, além do herbicida que você joga logo após a colheita, você perdeu também o herbicida, se você já adubou você perde o adubo, o prejuízo é muito. É por isso que o produtor não tem interesse nenhum em fazer queimadas... para ele não tem vantagem nenhuma.

Fábio Palaveri: O prejuízo não só financeiro, mas o tempo que se perde é muito né. Bom enfim, para finalizar aqui a nossa ultimar pergunta, o que você gostaria de dizer para uma pessoa que está pensando em virar um técnico agrícola, fazer um curso técnico, ou começar a estagiar numa empresa, um rapaz ou uma moça que começa a estagiar numa empresa para virar um técnico agrícola. Quais dicas você dá para essa pessoa, o que você tem para falar para uma pessoa que está pensando em seguir a sua profissão?

José Claudio: Bom, como toda profissão a primeira coisa a gente tem que gostar daquilo. Isso aí é coisa importante. Eu desde criança gostei da terra, eu sempre gostei, praticamente fui criado nela quando era criança. É o que eu gosto de fazer, e eu não sei fazer outra coisa. Eu queria estudar mais e fazer mais ainda. Na minha infância eu queria ser engenheiro agrônomo, mas não consegui, mas hoje faço o que eu quero, o que eu gosto. Então é basicamente isso, tem que gostar. Porque você vai pegar chuva, sol, vai comer poeira, isso daí você já tem que estar consciente de que você vai fazer, na roça é o dia todo isso aí. No meu caso eu entro de manhã e saio à noite da lavoura, tenho que ficar... então basicamente é isso. Entra de cabeça e pé na jaca. Que vai dar certo.

Fábio Palaveri: Gostei muito da nossa conversa, eu acho que fluiu bastante, eu não sabia de muita coisa, ainda bem que eu lembrei de perguntar sobre o reflorestamento porque essas queimadas estão muito em alta né, a televisão e rádio só fala disso e nitidamente é só você pegar os dados do número de focos de incêndio aqui da região do interior do estado de São Paulo e comparar com do ano passado que infelizmente está crescendo bastante, e como você mesmo falou é prejuízo pra todo mundo, mas enfim, eu tenho só que produzir um pequeno texto aqui para fazer mais ou menos um currículo seu, não chega ser um currículo, mais ou menos umas quatro linhas para falar onde você trabalha, quanto tempo você trabalha e os serviços que você presta pra determinada empresa então eu tenho aqui ó:

José Claudio Botelho, o José com acento certo?

José Claudio: Isso.

Fábio Palaveri: E o Claudio sem acento.

José Claudio: Exato.

Fábio Palaveri: Ok, desculpa perguntar não sei se você se importa, se você quiser eu nem coloco, mas você liga de colocar sua idade?

José Claudio: Não, não ligo.

Fábio Palaveri: Quantos anos o senhor tem?

José Claudio: 53.

Fábio Palaveri: Ok, bom atualmente você trabalha na Humos Agroterra uma produtora de cana de açúcar que fornece cana para a usina Biosev... Já trabalhou na Usina da Pedra também como técnico agrícola. Ha quanto tempo você está na Humos Agroterra?

José Claudio: Vai fazer 19 anos, 19 anos, vai fazer 20 anos agora começo do ano. Em março vai fazer 20 anos. Eu entrei aqui em 19 de março de 2001.

Fábio Palaveri: E na Usina da Pedra você ficou quanto tempo, você lembra?

José Claudio: Vish não lembro mais, não sei se é 93... comecei na década de 90.

Fábio Palaveri: Você passou por mais alguma empresa ou usina trabalhando como técnico agrícola ou foi só a Usina da Pedra e a Humos?

José Claudio: Eu trabalhei na Usina... trabalhei na... faliu né, fechou né, que é a usina de Ribeirão Preto, que não existe mais...

Fábio Palaveri: Como é o nome?

José Claudio: Usina Galo Bravo, mas não existe mais.

Fábio Palaveri: Ah sim, meu tio já trabalhou lá.

José Claudio: Ah então, trabalhei lá.

Fábio Palaveri: Bom enfim, gerente na área de vinhaça, posso colocar você como gerente porque a Leticia havia me falado encarregado, eu achei até estranho porque encarregado não sei pra vocês é diferente mas a gente aqui trata essa palavra como se fosse sei lá, a pessoa é incumbida de fazer um serviço ela é encarregada de fazer determinado serviço, como que é encarregado, o que significa essa encarregado?

José Claudio: Pra nós aqui do lugar que eu trabalho na área de vinhaça e herbicida eu sou chefe deles né, então nós usamos essa palavra. Aqui todo mundo chama, "olha chegou o nosso encarregado aí, o chefe". Mas pode por só técnico agrícola mesmo.

Fábio Palaveri: Eu vou colocar técnico agrícola para ficar mais fácil... Na área de vinhaça, herbicida, reflorestamento e corte de cana, corte de cana apesar de eu...

José Claudio: Não, o corte de cana que a gente faz aqui é a Usina que vem fazer.

Fábio Palaveri: Ah está ok.

José Claudio: A gente sede o terreno, o corte de cana é a usina que vem fazer.

Fábio Palaveri: Vocês preparam a cana e depois sedem o terreno para colheita.

José Claudio: Aí a usina vem, colhe a cana e leva para a indústria.

Fábio Palaveri: Entendi. É isso, pra mim é isso, vou parar de gravar a reunião aqui.

ENTREVISTA: Delcy Batista da Cruz Júnior **(**Delcy Mac Cruz)

ROTEIRO DE PERGUNTAS: Dentro do jornalismo, existem muitas áreas de atuação para os profissionais da comunicação. O que te levou a ir para o agronegócio?

Você também já trabalhou com a editoria de economia. O que é mais complicado em termos de cobertura? Cobrir economia ou agronegócio?

Das emissoras e empresas de comunicação que você trabalha e já trabalhou. Quantos jornalistas em média são responsáveis por cobrir o agronegócio?

O próprio agronegócio está diretamente ligado a questões principalmente como política, economia e meio ambiente. Como você tenta dividir isso? Ou é impossível?

No Brasil atualmente, qual assunto dentro do agro está mais em pauta? Energia renovável? Açúcar e etanol? Ou outros.

Quais as vantagens de trabalhar com jornalismo do agronegócio na região onde são localizadas as principais feiras agrícolas do Brasil, como a Agrishow e a Fenasucro por exemplo?

Você começou sua carreira de repórter mais ou menos no começo da década de noventa. De lá pra cá, o quanto e como a tecnologia te ajudou a trabalhar nessa profissão?

Uma pergunta que eu sempre faço para meus entrevistados. Como você enxerga a importância da sua profissão, para o agronegócio?

O que você gostaria de dizer para os profissionais da comunicação que estão pensando em trabalhar nessa área?

DECUPAGEM ENTREVISTA DELCY MAC CRUZ

Fábio Palaveri: Essa ferramenta do Google é uma beleza, eu uso ela direto.

Delcy: Não, eu não tinha usado não.

Fábio Palaveri: É enfim, a nossa reunião está gravando. E para fins burocráticos, do TCC, você já sabe disso, eu preciso da sua autorização do uso dos seus dados, imagem e tal. Para eu veicular no meu site. Posso usar tranquilo? Sem problema nenhum?

Delcy: Sim, pode usar.

Fábio Palaveri: Delcy vamos lá então, eu queria começar assim, é claro que a gente já bateu um papo antes para eu te conhecer um pouco melhor, mas a gente sabe que dentro do jornalismo existem muitas áreas de atuação né, para os profissionais da comunicação, eu queria saber o que você, o que fez você ir para a área do agronegócio.

Delcy: Bom, Sertãozinho né, a gente é de Sertãozinho. A gente tem cinco usinas lá, duas, três, as duas do Balbo as do Toniello, a Santa Elisa né Biosev, então nós temos ali umas cinco né, operando né, fora as que fecharam né, a Ubertina...

Fábio Palaveri: A Galo Bravo...

Delcy: Então, aquilo ali de certo, meu pai também era montador, era caldeireiro, então já tinha alguma coisa ali. Quando se criou aqui em Ribeirão a Gazeta Mercantil teve uma sucursal, em 98 foi criado uma sucursal, onde os donos acharam que tinham que fazer Gazeta Mercantil no Brasil inteiro, fizeram 25 sucursais, até no Acre tinha. E era uma loucura aqui, e ai em Ribeirão a turma vamos lá, e aí tinha que dividir funções ali dentro, e como eu já tinha um cheirinho de usina, gostava, eu abracei essa causa e então comecei a entender mais, porque o etanol também ne, nem usava o etanol era álcool combustível, a palavra etanol, ela começou a ganhar muito peso. Depois de 2002 começaram os carros flex, salvo 2002 ou 2001, aí a coisa foi pra frente né, a coisa foi começando a ganhar mais espaço, não era aquela coisa do usineiro só, da colônia, da usina, do fazendeiro de caminhonete, passou a ser encarado como um negócio mesmo. Chegaram as multinacionais, a coisa foi ganhando mercado, e isso também precisava ser contado sabe? Começou a atrair o interesse de bancos, tinha BNDES entrando nisso também, foi daí que foi crescendo, foi via Gazeta Mercantil está... Só que a Gazeta Mercantil com 25 sucursais quebrou... muito caro, ela quebrou com outras coisas lá em SAO PAULO, ai tinha o jornal A CIDADE, o jornal grande em que a família né era um jornal focado praticamente em classificados, ficaram né, foi um belo modelo de negócios, mas não tinha jornalismo. Você tinha três jornalistas lá, pra dar conta de uma página local e o Jura, um dos nomes, ele quis começar a mexer nisso aí em 2001, dois, tal. Foi aí que eu falei pô, está fechando aqui deixa eu pisar lá né. Quando eu pisei e entrei foi muito bom, foram 14 anos ali dentro, eu convivi tudo com a transformação daquilo

ali, do jornal familiar para um jornal com jornalismo, aí começamos a contratar gente... e economia sempre ficava de lado, certo?

Aí esse jornal foi vendido para a EPTV, começou em 2009, foi consolidado em 2013, mas nisso tudo foi mudando gestores lá dentro, até que eu deixei de ser o comando ali de dentro e passou a dividir as coisas. Ai falaram "olha você vai fazer economia, já que você gosta", "beleza", economia, o jornal tinha interesse em atacar a região também em entrar, e a economia regional mais forte aqui é cana né, é cana, você sabe disso, e como eu já tinha um pezinho nas usinas graças a Gazeta Mercantil, aí fui melhorando isso, mas em, no fim de 2014 aí você fica, quando a empresa grande compra um produto, e o jornal A Cidade passou a ser mais um produto de um grupo grande que é a EPTV, ai começa a se olhar custos ne, e você que era um cara que fez tudo ali vai começar a ficar caro ne, não perai vamos pôr, o que é normal isso viu Fabio, se prepare ai porque é normal, a produção não só jornalismo como qualquer outro. Aí fui desligado e imediatamente, menos de 15 dias no fim de 2014 no jornal cana. Aí foi uma aula de Jornal Cana. Porque o Josias investe muito eles são muito, faz um jornalismo muito presencial, ele não só jornalista mas visita, conhecer tecnologia, depois também passa a vender software, outros produtos, da curso de treinamento... são uma série de produtos e eu como jornalista ia atrás, ai você começa a rodar o brasil nisso ai, é muito rico, muito rico demais mesmo, você vê situações inusitadas por ai, e a coisa cresceu por ai, então você começa a ir nos eventos que até março desse ano haviam presencias, porque as pessoas agora é tudo online né, via pandemia. Mas você consegue crescer bem, eu acho que entender de bioenergia é legal, né, entender de energias renováveis, que vieram crescendo ne, solar principalmente, eólica, que também são né, renováveis como a bioenergia e como a cana né, e o milho, e bom, daí tem o seguinte também né, o etanol ele perde mercado ne, com a pandemia ele despencou vendas, o preço do petróleo caiu, ele é uma, ele entra sempre ele fica sempre na berlinda né, será que vai ou não vai, você tem ai 409 usinas com autorização funcional tem 350 funcionando no país, que joga e que produz pelo menos 31 bilhões, era o que era a se fazer esse ano, 31 bilhões de litros dos dois tipos de etanol. Que mistura na gasolina né, que é o anidro e o hidratado carro flex. Isso aí caiu muita venda, quem tem poder de estocagem, as grandes usinas, elas estocam para esperar a virada do ano quando acaba a produção ne e o cara joga isso no mercado. mas nem assim é muito seguro ne, então foi todo mundo pro açúcar, entendeu? Começaram a produzir mais açúcar, e está bom o preço, porque o dólar está alto então ajuda, ao mesmo tempo é muita dúvida porque também caiu o consumo de alimentos devido a pandemia. Alimentos entre eles o açúcar. Então são duvidas assim, que o setor que produz isso o setor de cana fica com dúvida o tempo inteiro, o que eu vou

fazer? Que nem, agora os cara estão se planejando pro ano que vem, a safra 21/22, nos estados da região centro sul onde a gente está aqui principalmente.

A dor de cabeça é o que eu faço, eu vou fazer mais uma coisa ou vou fazer mais outra, eu reduzo, eu limito, ponho tecnologia pra reduzir custos, não faço, esse monte de nesse emaranhado de situações, é na qual eu entro. Porque eu conheci bastante gente, você vai monitorando lendo o material que sai e vai tentando descrever hoje de forma pro portal da Reed, de forma muito mais de analisa sabe? A gente está do lado do setor tá, a gente não tem ali pra mostrar que eles são bandidos que põe fogo no pantanal...

Fábio Palaveri: E assim, você já passou ai por muitas empresas de comunicação, muitas responsáveis ai como portal da Reed ou seu próprio portal enfim, eu queria saber em média, não sei se isso é dividido na redação ou se isso é o chefe de jornalismo que estipula pra vocês mas assim, quantos jornalistas de uma determinada empresa são responsáveis para cobrir o agro, ou isso varia de quem estiver disponível ou quem tiver a melhor pauta enfim, como que funciona a divisão da equipe para quem vai cobrir agro e quem não vai, é como você diz, quem está mais familiarizado, como que funciona isso?

Delcy: Tá, eu passo né no jornalismo que até 2014 é aí que começou a crise, coincidiu com a crise da construção civil, não sei porque mais coincidiu, no jornalismo eu falo. Coincidiu um jornalismo clássico, jornal A Cidade cheguei lá tinha 36 jornalista, na rua são Sebastiao no centro, tinha 36. Tinha ilustrador, tinha três revisores, era uma maravilha sabe? Hoje tem quatro que faz o cidade on que é o site.

Fábio Palaveri: Sim.

Delcy: Junto com a EPTV em um cantinho sabe? Nada contra. Mas teve 36 até 2014.

Fábio Palaveri: Reduziu bastante.

Delcy: Nossa, totalmente. Então você não tem a redação. Vamos pegar aqui em Ribeirão Preto, se você tirar, não tem mais o jornal impresso, no Tribuna tem um editor que é o Milton, e mais um que ajuda, uma menina, três. No jornal impresso não tem mais nenhum. Você tem o sistema Thathi, é um esquema bom para conhecer, mas é focado em jornalismo digamos genérico né. O jornalismo que possa abrir portas para agro você não tem, curiosamente os três veículos de bioenergia do país estão em Ribeirão, o Jornal Cana, o Canal Energia, da Luciana, e o desculpa o... o outro está me faltando o nome aqui...

Fábio Palaveri: Grupo IDEA?

Delcy: O IDEA, não o IDEA é do Dib é mais eventos né.

Fábio Palaveri: Visão Agro também é mais evento.

Delcy: Isso também é mais eventos, do Plinio né, mas tem o do... que é legal também, é o IDEA News... IDEA News... bom, os quatro ou cinco veículos que você tem no país, de certa forma estão situados em Ribeirão Preto. Porem o que acontece, o jornal cana hoje, é Andreia editora e o Alessandro que curta da parte digital e o Josias que é o dono que faz tudo, acabou. Então ali você tinha em uma época que eles estavam em oito lá, agora são dois, entende?
O portal que eu faço eu sugiro, funciona assim, eu sugiro, eu sou, o meu cliente na verdade é o marketing, olha que loucura.
Fábio Palaveri: Aham.
Delcy: Entendeu? O pessoal do marketing. Eu sugiro a ideia, tava fazendo uma matéria agora pouco sobre como está o avanço dos créditos de descarbonização de etanol, as usinas podem vender isso, é bem chato também. Então eu sugiro a ideia, o pessoal do marketing olha lá dentro e se interessa com a gente. Até porque eles pegam esse conteúdo que sai no portal da Reed, e entram nos sites das feiras, e aquilo vai replicando, eles mandam como e-mail marketing para os expositores, para os candidatos para expositores, fornecedores, candidatos a serem fornecedores deles, ela vai ganhando uma dimensão que sai um pouco do jornalismo, a noticia é séria, eu não vou fazer picaretagem com 37 anos de profissão né. Porem aquele conteúdo que você fez, ele vai e você não sabe onde vai parar aquilo ali sabe, ele chega lá pro cara "ah quero vender um estande para você olha só como nós fazemos aqui, também demos notícia" e expõe só o que eu fiz. Então funciona assim, não tem ninguém, sou eu só que faço, e lá na Reed são Paulo ficam três, são quem posta o material e quem trabalha com jornalismo do Google. Que são o material mais publicitários, das teclas de SEO, sabe? "Ah o que é etanol?" Aí coloca lá então esses, ou seja, o caminho não é muito doce não para quem quer mexer com agronegócio. Porém, Fabio, ele é muito árido ele é difícil de fazer, tem pouca gente e por exemplo empresas grandes tipo jornal o Valor, você tem o Fernandao, tem a menina que só faz energia lá que esqueci o nome, tem cinco ou seis trabalhando, então quer dizer eles valorizam, você pega o Globo Rural, valoriza também, vai trocando as pessoas mas valoriza. O Estadão, ainda tem lá três fazendo sabe?
Fábio Palaveri: Então essa é uma das questões, porque assim, o agro desde muito antes, antes do Brasil ser Brasil ele se apresenta aí como um dos fortes pilares da economia brasileira, um dos principais, senão o principal. Responsável por quase 30 por cento do PIB enfim...
Delcy: Isso.
Fábio Palaveri: E não tem muita gente, eu não vejo, parece ser assim incomum encontrar muitos jornalistas responsáveis pelo agro assim, eu acho que tem muita gente de entretenimento, no Brasil funciona muito hard News, essa notícia em tempo real, estilo

Datena sabe essas coisas, que cobriu factual eu não sei, como você enxerga isso, não tem muitos profissionais assim nessa área.

Delcy: Não, mas tem mercado, tem mercado.

Fábio Palaveri: Tem mercado.

Delcy: Por exemplo o da Reed, o energia que fala por você, foi um portal né, criado pela área de marketing pra contextualizar as feiras deles, porque é, cada um tem um site, um site institucional, sabe uma coisa comercial que não tinha texto de leitura então inventaram vamos fazer um portal, e aí que eu surgi, porque eu estava ali já só com o jornal cana, o jornal cana era mensal está, apesar que tinha a versão online e as viagens, mas tinha como conciliar, aí que eu acabei sendo chamado. Olha vamos fazer isso aqui, nós precisamos de tal pessoa, e nós queremos dar lastro de forma chata, chata porque cada matéria que você faz tem que pôr gráfico... cheio de... é um assunto mais um pouco chato né agronegócio, não é muito fácil né, e normalmente e ai foi criado, então já criou um produto novo, a maior renda talvez venda daquilo ali hoje. O meu emprego é esse portal que tem um ano de vida, tudo vem que pode chegar dezembro agora e eles falarem ó seguinte, vamos ficar só com os dois meninos lá de São Paulo, está bom, não precisa ter esse conteúdo chato não sei o que, porém, você é de Sertãozinho você sabe, o pessoal senta com o Antônio Eduardo Tonielo para conversar. Ele prefere a conversa pessoal, né, aquela coisa...

Fábio Palaveri: Isso, ele é da classe antiga.

Delcy: Vamos pegar o Tonho, filho dele, está com 40 e poucos anos. O menino. Também leva esse perfil conservador, então o perfil conservador ele manda no agronegócio aparentemente. E isso aí não adianta o cara vim puxar o saco dele, mandar uma foto bonita no Instagram, ele quer uma coisa séria, ele quer uma coisa mais firme, que ele possa confiar, então eu acho que o jornalista de credibilidade ele no agronegócio ele tem respeito ali. A Monica Escaramuça era repórter que já foi do Valor, era do Estadão foi pro Valor cobrir agronegócio trabalhou para o Jornal Cana também como pseudônimo, mas trabalhou. Eu não a conheci pessoalmente está, ela acabou, está voltando para o valor, agora acho que volta essa semana inclusive, faze agronegócio, então são poucas pessoas que tem ai essa familiaridade, o mercado de trabalho e poco mas hora que conquista ele passa a ter credibilidade agora... tem o problema da remuneração disso né Fabio, existe investimento. Hoje você tem que, está vendo eu estou tendo que me adequar a essas técnicas de SEO, o que me faz tomar tempo, é mais difícil pra mim aprender do que você que é jovem e está se formando, mas se eu não ficar um pouco atento a isso ai daqui a pouco eles vão falar, ah não esse cara está muito velho, não adianta ele ter moral lá, conseguir falar com o Antônio

Eduardo Toniello, de forma mais fácil que a gente, que fala a mesma língua, mas o produto final aqui é melhor ter um, sabe, usar o marketing via canva, uma animaçãozinha aqui, porque isso aqui que o cara jovem vai querer, tem muito isso, as vezes os donos de veículos tem essa mentalidade aí.

Você vai lá falar assim ó, me paga aí dois mil reais por mês que eu produzo uma notícia por dia. Vish, o cara fala não ué. Meu filho pega isso aí, dá um control c e cópia da coisa, não precisa disso não. Tem isso aí tá, isso a gente vai enfrentar direto talvez até mais daqui pra frente. Nós estamos em Ribeirão Preto hoje ó, tamo falando em 5 de outubro de 2020, a última onda de demissões da eptv você tem aqui em ribeirão preto por baixo uns 18, bons profissionais, não vou citar nomes porque fica deselegante mas profissionais assim, deles, seis estavam comigo nesse projeto Noticias Ribeirão, seis, um cara de esporte, um cara de artes, cara de política para cobrir eleição aqui. Já estava prontinho porque estavam tudo com gente com quase 50 anos, com filhos, vivendo em Ribeirão Preto, não dá para o cara falar assim, não amanhã vamos montar uma loja em Tocantins, não dá ne, e nem para São Paulo porque chega lá está tudo na rua também. Você tem que ficar por aqui mesmo, então você tem aqui em RP hoje mais ou menos aí uns 20 profissionais assim, gente boa, que está precisando de renda, sabe na verdade você investe muito na vida e aí com 37 anos eu vou ver que eu não sei fazer outra coisa cara entendeu? Tem muita informação, mas não sabe falar assim "ah vou vender máscara de anti covid na esquina" talvez eu não consiga, entendeu? Olha que situação.

Fábio Palaveri: E você comentou que existem ai pessoas que iam compor esse projeto, que acabou a pandemia acabou furando, enfim, e tinham pessoas para trabalhar em várias editorias e tal, e o próprio agro eu acho assim que ele está diretamente ligado a questões como política, economia, meio ambiente, eu acho que é um negócio que mais ou menos anda junto, e para você que é responsável por cobrir essa área, como que você mais ou menos divide isso, você fala não eu to pendendo muito para política, não, eu to pendendo muito para economia ou isso é impossível? Quando você cobre agro, como você divide essas editorias?

Delcy: Não, não...Não, dá sim. Depende o veículo né, que você vai escrever né, por exemplo o produto energia que fala com você eu to falando para um público genérico, não para o cara que conhece o impacto do sol na cana que está crescendo para o ano que vem, isso é o jornal cana, é especifico, lá você tem que entender isso aí. O que eu falo hoje é para o cara que vende seguro, são pessoas que precisam estar com um pezinho no agro e não entendem nada, então você tem que ser didático e falar de forma mais simples entende? Ao mesmo tempo que é uma pegada de mercado, impacto do dólar por exemplo na tonelada da cana que vai

ser paga para o fornecedor, tem que entender, contextualizar a situação mas sempre de forma simples, então por exemplo mais ou menos ia ser isso no produto aqui em RP, notícias Ribeirão, a gente não ia ter como não falar do agro ne, tem Agrishow aqui em RP, uma vez por ano mas ela movimenta o negócio seis meses antes, seis meses depois, toda revenda de caminhão, trator, tudo que fica por aqui ne os caras vendem antes e depois, seguro, banco, tudo quanto é coisa, então você tem que conviver com isso ai, criando notícias interessantes mas saber também que quem lê agro é minoria tá, não vamos né...

Fábio Palaveri: Claro, vamos ser, vamos ser honestos, a editoria de agro é pouco né. Apesar de ser uma bem rica, enfim, você comentou sobre agronegócio, sobre a Agrishow principalmente, eu fiz um texto também sobre ela, já participei duas vezes da feira muito bacana lá, e eu ainda não sou um jornalista formado mas para você que já está nesse mercado a um certo tempo, qual que é a vantagem de trabalhar com agro na região onde são sei lá localizadas as, uma das principais feiras do planeta digamos assim, porque aqui tem a Fenasucro, tem a Agrishow, tem a feira da aviação agrícola...

Delcy: Isso.

Fábio Palaveri: ... que as vezes é em Sertãozinho, e assim, o que que isso é vantajoso para o jornalista que trabalha com agro aqui, o quando que isso te facilita ou atrapalha seu serviço?

Delcy: Aqui, é, a Agrishow 95 por cento dos expositores da Agrishow é de fora ne, Fenasucro idem, feira da aviação agrícola o pessoal fica no rio grande do sul ne, só é aqui porque é essa coisa de RP sedia, você vê desde moradores ilustres né, ícones né, Antônio Eduardo Toniello, Maurilio Biagi, estão mandando ainda, a sede da Biosev está em Sertãozinho são Paulo, que é um grupo francês né, então você tem grandes ícones mandando e morando aqui, isso atrai mas é uma questão só de território viu Fabio. É muito mais interessante hoje, infelizmente, você dica ai para quem está querendo trabalhar com agro no jornalismo, estar em SP, tá, SP hoje que sedia lá metade das usinas são multinacionais a sede fica na faria lima, os eventos que eu acompanho, acompanhava até ano passado mas eu iria bancando do bolso, porque é ali que você encontra e fica familiarizado com as pessoas, são os eventos, a maioria deles que falam de preço de açúcar aonde é, SP, entendeu então compensa pagar lá um Ibis hotel, pagar lá duzentão por dia, ir no evento, cadastrado como jornalista porque eles querem que você esteja lá, ficar se familiarizando, conversando mas é SP, porque os veículos também estão lá, tirando os daqui que eu te falei, os da cana, a maioria que paga e emprega, as agencias Reuters, blumer, é a sede é tudo em SP, é lá que você vai acabar se familiarizando. E meio que assim também viu, o jornalismo fazia em Ribeirão preto era uma escola, você tinha que acabar completando em SP a vida pratica, eu fiz assim. O Galelo fez assim, o Valter Mello

fez assim, uma serie deles, o Lazaro da emissora foi para pequenas empresas grandes negócios, estão lá, estão até hoje em SP, então é um caminho que você forma em RP e vai concluir o curso na pratica em SP, pior que isso tudo não mudou com todo esse avanço da internet.

Fábio Palaveri: É, eu acho que aliás, desde o começo da universidade o pessoal comenta, não, para você trabalhar com jornalismo, no interior você vai ter que trabalhar com jornalismo e com outra coisa, porque você não sobrevive aqui. Ou você vai ter que ter sei lá, um curso técnico em marketing que é também mais ou menos ali na sua área, ou design gráfico enfim, então dentro do próprio curso de jornalismo que mudou muito de lá pra cá, eles te instruem a já mais ou menos seguir determinados caminhos quando você sai da universidade. Mas enfim, aliás eu até disse que o curso de jornalismo mudou bastante, você começou sua carreira como repórter mais ou menos ali na década de 90.

Delcy: 80.

Fábio Palaveri: De 80, isso. E de lá pra cá a tecnologia mudou bastante, o jeito como se faz jornalismo mudou, e assim, como que a tecnologia te ajudou a trabalhar nessa profissão, você está com dificuldades assim quais as principais dificuldades para se adequar, o que mais transformou a sua rotina de jornalista enfim, como que a tecnologia mudou o seu serviço de lá pra cá?

Delcy: Não, a tecnologia facilitou muito né, facilita muito. Eu diria assim que, gostaria de ter mais grana, recursos, porque eu vivo do jornalismo tá, não tem herança, aposentei está, sou aposentado a dois anos, comecei na prefeitura de Sertãozinho com 13 anos de idade.

Fábio Palaveri: Parabéns viu, porque hoje tá difícil aposentar. Mas enfim...

Delcy: Então, consegui, foi 2016, foi antes, ainda estava em discussão lá, mas eu consegui porque eu já tinha 35 anos de recolhimento. Isso aí boa parte da grana hoje vai pro meu filho que faz USP em São Carlos, faz engenharia de materiais. Outro curso.

Fábio Palaveri: Meu irmão faz também, engenharia de materiais.

Delcy: La em São Carlos?

Fábio Palaveri: Não, ele faz Unicamp em limeira, tem um campus em limeira, ele faz lá.

Delcy: Perfeito, parece um curso ne, parece um curso que promete, vejamos né.

Viu, e eu gostaria de ter mais recurso financeiro para ter mais, para trabalhar por exemplo com IOS e não usando aqui, to usando um XIAOMI que é bom também mas é Android, então um notebook mais velhinho, sabe? Mas assim mesmo a tecnologia ajudou muito ela facilita muito não há dúvidas que ela facilita porque eu já nem sei como que é trabalhar sem tecnologia. O que são as coisas que me emperram um pouco, que dificultam um pouco, talvez

muda-se muito as ferramentas que você tem hoje para inserir na sua profissão, você tem que entender das benditas técnicas de SEO né, agora tem essas coisa de baixar foto não mais em j... tem outros ...

Fábio Palaveri: JPG, PNG...

Delcy: É, mas eu estou com outras intenções para facilitar o acesso via celular né, então por exemplo o trabalho que eu entrego para a Reed vai pronto, vai com os hiperlinks, tem que chegar prontinho lá sabe? Então mesmo a foto que eu pego fotos de agencias gratuitas por exemplo, também já tenho que ficar atento a esse tipo de ferramenta sabe que elas vão mudando, elas mudam ne, passou dois três meses pode olhar de novo fazer um cursinho porque vai mudar então isso ai emperra um pouquinho talvez pela facilidade que você vai ter muito mais, você vai dominar muito melhor do que eu então esse é um pequeno entravezinho mas eu não to contra, contra ficar aprendendo não está, não vejo nada de errado não está, me ajudou muito e continua ajudando, o que está também enchendo um pouco o fato essa coisa de tecnologia é que parece que ficou tudo fácil ne, então por exemplo você não tem muito respeito está, isso não é só idade está, e também não é o setor agro diferente de polícia de coisa, você não tem muito respeito, parece que assim, o cara te dá mil reais por mês parece que ele está te fazendo um grande favor sabe, só que aqui ó, to pagando uma mesa, uma mesa não aqui são quatro lugares, uma sala muito bom até, porta fechada, aquela coisa, to pagando quinhentos reais para ficar aqui em um cantinho mas ao mesmo tempo pode chegar mais três aqui dentro, você tem que pôr o fone senão você não consegue concentrar ne, isso é implícito está, eu to pagando para trabalhar, o cara paga milao para você acha que está fazendo muito... tem isso infelizmente tem isso, e porque parece que ficou fácil, ah a tecnologia facilitou o processo, mas não facilitou o processo do agro porque o leitor final é conversador, lembra? o pai e o filho são conservadores, eles querem as coisas certinhas. E eu tenho que dar essa coisa certa, porque se você escrever errado duas vezes, olha, meus 37 anos de carreira vão pro lixo, então toda preocupação o tempo inteiro também, fazer a coisa certa, rápida, certa e mais Fabio, continuar nela. Porque eu acho que o agronegócio é um belo caminho, nós temos ainda para desbravar setores do agronegócio que estão praticamente soltos, não tem jornalista cobrindo, dar um exemplo aí, café, café sempre era assim, "ah não café é a arábica, região aqui de Franca, Altinópolis, exporta 90 por cento e fica" não, é o arábica mas já tem dentro do plantio de café já tem o café colhido com máquina, tem uns que não deu certo com máquina, é a área ante declive, montanha então tem que ser trabalhadores muito bem remunerados porque a mão tem que estar leve, solta, você tem um universo ali que praticamente não existe, tanto que você não vê falar de café, parece que o café da duas vezes

por ano, e o nosso aqui arado é maravilhoso, mas tem um mercado grande ali, mercado financeiro em torno dele, do café que é a especulação, como tem do açúcar. É uma área, café que está de lado, outra área que está crescente que é a área de, ai já pegando cana também, dentro do agro, que é áreas de renovação de canaviais, com a crise do setor, os caras a cana mais ou menos fica sete anos em pé você ranca ela, limpa aquela área lá, faz aquele terreno e planta, ai os caras costumam usar algum grão ali, normalmente é soja ou milho, esses que dá em três meses, ela nitrogenada um pouco o solo, mais uns insumos que você coloca ali e planta cana de novo. Hoje já tem 200 jeitos de fazer isso ai, meiose, que é jogar cana na mão, ou seja está voltando o trabalhador rural ir no campo para fazer essa parte de renovação, e ela está crescendo agora porque se você precisa renovar o canavial que ele está velho, está produzindo menos. Você tem uma pressão mundial para que você não alcance áreas, não cresça mais em áreas, pois dá impressão de que você está derrubando arvores né. Para plantar cana. Então você tem um olhar tudo em cima ne, então você tem que reduzir aquele produto com mais produtividade, então você tem 350 jeitos de plantar, e isso lembra as pessoas que estão atentas a isso mas também nós estamos com carência de gente para entender sobre isso. Porque não tem jornal, jornal nível nacional ne, é o Valor, O Globo não tem referência, o Estadão sim, tem um ou dois, a Folha não tem jornalista para cobrir mais isso. Vai pegar alguém para fazer política, o Celso Russomano, acaba a eleição e eles falam agora você vai fazer isso aqui, então de uma hora para outra como você vai... lembrando que seu leitor final é conservador, ele entende, você não pode chegar e falar uma besteira pra ele que ele não engole, tudo isso aí, mas é um caminho bom, uma pena que não é valorizado do ponto de vista do patrão, a gente precisaria ver melhor isso está.

Fábio Palaveri: Assim, você apesar de já ter comentado alguns pros e contras, que talvez a nossa profissão, talvez não né, com certeza a nossa profissão deveria ser mais valorizada principalmente porque com a internet aumentou também, o fake News, enfim, isso é um assunto que rende ai sei lá uma semana direta falando e a gente não vai terminar, teoria da pós verdade e vai por aí, mas enfim... Eu faço essa pergunta agora para todos os meus entrevistados, e eu acho ela de extrema importância porque eu ouço uma coisa bem distinta entre uma pessoa e outra, as vezes duas pessoas da mesma profissão falam e comentam, opiniões bem diferentes a respeito disso. Para você, o quanto é importante a profissão do jornalista para o agronegócio, não para o jornalismo, o quanto o jornalista do agro é importante para o agronegócio?

Delcy: O agronegócio, que na verdade são palavras aí nada mais é, americano que criou né, que é pegar o que sai da terra, tem que ter a terra, tem que ter agricultura e fazer um produto

final dele, agronegócio é isso aí. Ele é muito importante porque ele atrai uma enxurrada de oportunistas, isso estamos cansados de ver no setor. Uma enxurrada de oportunistas, é banco, seguradoras, agora a questão ambiental, a palavra da onda é isso agora né, então para ajudar ne, usamos etanol desde 1986 que se usa o etanol, ele emite 60 por cento menos CO2 do que a gasolina mas agora de três anos para cá parece que isso ai ganhou sabe? Sempre foi assim. Parece que de três anos pra cá isso ganhou uma ressonância gigantesca, e aí todo mundo vai, não agora vai e não sei o que e não sei o que lá então tem muito oportunista muita gente que vem em cima e ele, o produtor que está lá, o produtor é o mesmo, ele é o mesmo sabe? A Viralcool está aí, destilaria Santa Inês, são as mesmas quatro usinas que eles têm aí, só que é o seguinte, todo dia vai aparecer um cara querendo tirar dinheiro deles, todo dia vai ter alguém querendo dar um pinote neles, sempre vai ter. Você como jornalista do setor, você as vezes está escrevendo para ele, o produtor. Que é esse cara que é alvo de né, desse monte de oportunistas. Eu na verdade, o Jornal Cana escreve para o pessoal de usina, escreve assim o que ajuda o cara de usina no dia a dia a melhorar a gestão dele. É isso que é lá dentro. Então você descobre que uma usina X ela usa sei lá um nitrogênio vindo do Chile não o outro que vem dos Estados Unidos que armazena ele não sei aonde, se você contar isso daí para ajudar o outro sem ser espionagem, é uma coisa meio comum, um gosta de ajudar o outro não tem problema, isso é o jornalismo que atende o agronegócio né, contar para o cara do agro o que é bom. No caso da Reed, eu tenho que tornar a coisa bem didática então eu estou falando ali para um cara que é do agro, mas ele não é tão especializado na coisa. É o cara de seguradora, de banco, advogado, o cara que quer entrar nisso aí de algum jeito. E você vai lá e conta pra ele, ó o Renova Bio, o etanol libera 60 por cento menos que a gasolina... ele não sabe disso aí, então você vai contando, como você tem uma espécie de histórico, transmissão, certa credibilidade, você passa a ser uma fonte de confiança do meio né, desde que você não erre. Se você errou duas três vezes também saiu por aí falando, por isso que eu tenho o maior cuidado, se me rastrear aí via internet você vai ver que provavelmente não tem problema sabe? Então você escreve pro agro é muito importante, precisa ter jornalista escrevendo para o cara do agro ler sabe? Porque no às é só chuva de propaganda, merchandising, vídeos maravilhosos sabe, isso aí você não engana muito nego não, só que ele está lá, agronegócio tem quantos anos que os italianos né, meu avô plantava vassoura em Sertãozinho ali no asilo, entendeu? Morreu com 86 anos já faz uns 20 anos quer dizer, ele já está aqui a mais de 100 anos o agronegócio. Já está na terceira ou quarta geração, a maioria conservadora, a maioria precisa de informação confiável, está aí a resposta, precisa de jornalista para falar pra eles.

Fábio Palaveri: Enfim, também você já me disse que talvez essa, a profissão deve ser mais valorizada algumas pessoas acham que é fácil, por outro lado você disse que existem áreas como café por exemplo que ainda não são exploradas enfim, é eu sei que eu to tomando já bastante do seu tempo então eu queria já mais ou menos finalizar a nossa conversa aqui, você dando um parecer por exemplo sei lá, alguma pessoa que está pensando em fazer jornalismo para trabalhar nessa área, não sei se, é claro que o jornalista nem sempre "nossa quero começar a universidade para seguir o agro", é até um pouco complicado isso, não é tão normal a gente ver pessoas assim, mas enfim, o que você gostaria de dizer, para profissionais da comunicação que estão pensando em trabalhar nessa área?

Delcy: Assim, é, jornalismo eu entendo que o jornalismo, dentro da comunicação, sempre vai precisar, lembrar disso, seja com robôs, sempre vai precisar, e o agronegócio é aquilo lá que nós falamos, 35 por cento do pib, se não fosse isso, tinha quebrado, é que não parou muito nem durante a pandemia, o agronegócio está lá, arroz, soja né, sendo feitos, tem erros e acertos tem, erros tem né, tem a transgenia que é uma pergunta ainda sem solução, milho quase cem por cento, soja cem por cento e nós não sabemos o que isso vai causar lá na frente na saúde, há controvérsias que precisa de jornalismo para ficar explicando ne, sem viés ideológico, contra ou a favor, você entrar na faculdade no primeiro ano da UNAERP ou onde quer que seja, já com a pegada do agronegócio já é meio caminho andado até porque é difícil, você vai ter que investir umas horinhas do dia lendo, as vezes até em outras línguas ne, e você vai ter que se preparar porem tem retorno porque cada vez mais o agronegócio vai se mostrar importante, ele não vai perder espaço, ele pode mudar o jeito dele, ocupar menos áreas físicas mas ele vai ter que usar mais a tecnologia, tecnologia 5g para crescer, isso aí é a conexão no campo, as vezes não tem ou é falha, quer dizer, precisa do que, do jornalismo para ir lá pegar no pé, chegar nas operadoras e falar "olha não funciona aqui, vocês venderam um trator lá autônomo que não precisa de motorista na feira da Agrishow só que o trator não anda sozinho porque não tem conexão, não tem internet, então precisa do jornalismo para ir lá pegar no pé e contar. É muito importante e vital, não vai mudar isso nos próximos sei lá quantos anos já temos no agronegócio, 150? Então entrar na faculdade, primeiro ano, já com um pé no agronegócio, seja em RP qualquer cidade, SP, não muda. O investidor também no agronegócio ele passa a ser o investidor é fundo né, nós não temos mais investidores que é só aquele senhor, nós temos metade das usinas que é de produtor familiar. Mas a outra metade é de fundo, nós temos usinas aqui no interior de SP que fabrica chinelo, sabe? Você tem fundos, metade das usinas tão na mão de grupos estrangeiros, os que investem neles são fundos, você nunca sabe quem é que está investindo em você, então a importância do

agronegócio é gigantesca, e precisa ter jornalista para contar o que está acontecendo para falar para esse próprio universo que trabalha no agronegócio, portanto vamos lá gente.

Fábio Palaveri: Fechou Delcy.

Delcy: Fechou Fabio?

Fábio Palaveri: Fechou, eu vou interromper aqui a gravação...

Delcy: Fechado.

ENTREVISTA: Joyce Cury

ROTEIRO DE PERGUNTAS: O jornalismo engloba muitas áreas de atuação, o que te levou para a fotografia?

Quantos fotógrafos em média possuem as agências? Vocês saem em equipe ou cada um cobre uma área, como funciona?

Qual foi o seu primeiro contato com a fotografia para o agronegócio?

Qual a principal diferença de fotografar o agro e as outras áreas?

Quais os principais tipos de fotografias dentro do tema agro?

Você já cobriu feiras agrícolas como a Agrishow por exemplo?

Nas feiras agrícolas como a Agrishow por exemplo, sempre aparecem grandes personalidades, presidentes, ministros... Eu vi que você cobriu a entrega da faixa para a Dilma...

Como vocês lidam com a disputa pelo melhor ângulo? Quem chegar primeiro garante o lugar? Já teve discussão?

Qual o seu trabalho preferido, uma imagem ou vídeo, documentário... Qual te dá mais orgulho?

Dentro e fora do agro, já participou de filmes premiados internacionalmente...

Uma pergunta que eu sempre faço para meus entrevistados. Como você enxerga a importância da sua profissão, para o agronegócio?

O que você gostaria de dizer para os profissionais da comunicação que estão pensando em trabalhar nessa área?

DECUPAGEM ENTREVISTA JOYCE CURY

Fábio Palaveri: E aí eu começo, aí acho que ta gravando. Bom eu tinha já comentado que a profissão do jornalista ne, do profissional de comunicação pode acabar levando a gente para muitas áreas. Eu queria saber o que te levou a ir pra fotografia.

Joyce: É coincidentemente, faz pouco tempo que eu precisei escrever um texto justamente um pouco contando a minha trajetória. Na verdade Fabio eu entrei na faculdade por causa do texto ta, porque eu sempre gostei de escrever assim, o pessoal falava você escreve bem, poderia ir para uma área da comunicação alguma coisa, e aí chegando no curso né, eu cheguei a trabalhar com texto. Trabalhei, fiz estagio na secretaria de cultura ai de Ribeirão, no departamento de comunicação, não sei se hoje ainda tem departamento só pra eles ou se ta tudo vinculado ao escritório central lá da prefeitura mas na época que eu fiz estágio tinha um escritório de comunicação dentro da casa da cultura, que é onde fica a secretaria, então eu estagiei lá e escrevia e tudo mais, bom enfim. Só que ai durante a faculdade já logo no primeiro e segundo ano eu comecei a ter contato com fotografia, o César me deu aula, como deu pra você também, e aí assim eu comecei a perceber que o texto ele era muito assim, passível de modificações. Né, então quer dizer você escreve um texto, uma matéria por exemplo e aí o editor passa por vários editores normalmente. Passa pelo editor do caderno, depois né, pensando em jornal, depois passa pelo as vezes um editor da capa, enfim. E aí eu percebi que assim, o que eu ia produzir ia ser muito alterado né, e assim, as vezes podia até mudar um pouco a conotação do que eu tava escrevendo, da forma, que as vezes eu estava escrevendo. Eu sempre quando eu escrevia, eu sempre gostei de uma escrita mais livre né, mais livre assim, logico tem o lead né, as coisas que a gente tem que colocar as informações básicas, mas eu sempre acreditei no texto um pouco menos engessado e isso mais por conta de modificar mesmo que eu acabei pensando na fotografia mesmo com possibilidade de profissão né. Fotojornalismo no caso, fotojornalista. E aí, eu via na fotografia uma forma de eu conseguir expressar aquela situação né, comunicar aquela notícia vamos dizer ou enfim, uma pessoa né, fotografar alguém, do meu jeito. E aquilo ser menos, ter menos interferência digamos assim, de uma outra pessoa.

Fábio Palaveri: Sofrer menos adaptações né.

Joyce: Isso, uma pessoa que não estava lá, na cena, uma pessoa que não sabe como você fez, então assim lógico a gente sabe, que tem muita gente ante ética que altera muita coisa em Photoshop, mesmo depois que você manda pro jornal ou pra revista ou pro site enfim, mas assim, ainda sim eu ainda acredito mais né, acreditava não, acredito ainda na fotografia um pouco mais livre, pra mim né. Então assim, eu me sentia mais confortável me expressando pelas imagens, informando por meio das imagens do que pelo texto. Então essa foi a escolha,

porém, durante a faculdade eu não consegui trabalhar com fotografia para além da faculdade tá, então assim, passei né, por essa assessoria de comunicação da secretaria da cultura, depois fui fazer um estágio na tv UNAERP aí, e também fiz um freela pra folha como repórter de texto, durante a faculdade ainda. Tinha o caderno ai a folha ribeirão que hoje não tem mais né, o escritório, e ai tinha uma equipe lá e me chamaram pra cobrir ferias, depois me chamaram pra fazer um caderno especial e ai eu tive certeza com a experiencia que realmente eu não queria texto, então assim, não porque, não foi nada traumático assim, não isso, mas eu ficava muito nervosa, porque tinha, porque o texto envolvia assim, é isso né, envolvia mais de uma pessoa ali, e modificava e você tinha que apurar muitas coisas e era muito mais assim, eu achava mais complexo e eu me sentia meio mal assim, porque a folha ribeirão aí era um esquema meio, ah era uns horários de retorno que era meio absurdos, não sei se você já ouviu alguns relatos, mas era assim, você tinha que dar um retorno pra São Paulo até as duas da tarde mas já tinha que ta com a matéria meio que pronta até duas da tarde porque senão eles não aprovavam pra entrar então assim, tinha uma coisa meio...

Fábio Palaveri: Não era uma rotina agradável.

Joyce: Não, não era assim, almoçava todo dia super tarde, e ai eu acompanhava muito os fotógrafos né, inclusive quem me assim, quem me empurrou mesmo pra carreira foi o Joel Silva que trabalhou aí na folha Ribeirão por muito tempo, depois ele acabou retornando aqui pra são Paulo, hoje em dia ele voltou pra Ribeirão mas ta atuando em outras áreas, foi ele que me deu um assim, que me deu um empurrão e falou não eu acho que você tem que ir mesmo pra fotografia e tal e tal e tal, quer dizer na verdade assim o primeiro contato que eu tive com o jornal foi por meio da fotografia porque eu acompanhei ele numa pauta coincidentemente em são Carlos, então assim, só que ai no fim me chamaram né, para um primeiro trabalho e acabou sendo texto. Mas ele falou a não Joyce, você tem que fotografar mesmo, você tem olho, você tem, entende como que uma imagem é formada e tal e tal e ele me deu esse empurrão, e aí quando eu sai da faculdade eu não arrumei um emprego direto né, na área de fotografia. Na verdade eu não arrumei emprego nenhum ne, porque assim, dependendo do que você quisesse fazer ne, enfim, jornal principalmente, hoje pior ainda ne, mas naquele tempo já estava ruim assim de emprego, então todo mundo meio que se já não tivesse encaminhado, muito encaminhado, já saia meio que desempregado ne. Aí assim, eu até cheguei a arrumar uma possibilidade de trabalho em são Paulo numa assessoria de comunicação mas pra ser assessora, e ai o dono, era um escritório grande, ainda tem até hoje aqui, atende várias contas grandes enfim, e ai o dono falou pra mim uma coisa que eu nunca esqueci, ele falou assim Joyce, você ta me contando a sua história e tal e tal e tal, você tem

que decidir o que você quer fazer, porque me parece que você quer ir pra fotografia, falou ó, faça aquilo que você quer, não pega o emprego porque você tem que ah eu tenho logo que trabalhar e ganhar dinheiro porque assim, ele falou demorei muito pra, ele me contando, que ele demorou muito pra conquistar uma vaga de repórter num jornal que ele queria. Ele falou ó, você deveria, você quer mesmo vir pra cá? Porque aqui você já viu assim, escritório de assessoria né assim, legal acho que é super importante mas o assessor tem lá as suas, trabalhar dentro de um escritório tem lá suas particularidades, e era justamente o que eu não queria, ficar presa num escritório enfim, fazendo tudo meio que por telefone, atendendo a enfim, atendendo empresas dessa forma e tal. Aí também tinha uma coisa um pouco de estilo, eu estava na sala dele ai eu vi uma moça passar assim, ai ela estava passando com um salto, com terninho eu falei nossa eu não consigo nem me imaginar assim, nessa... porque é uma coisa muito pessoal ne, acho que aí é...

Fábio Palaveri: Aquela coisa formal né...

Joyce: E eu ia ter que me adaptar a isso. Ai enfim, eu pensei muito no que ele falou, esperei mais um pouco e acabou rolando, ai rolou primeiro na folha, um freela que eu fiz um ano, fiquei fazendo freela, e depois num jornal ai que é um dos concorrentes, o acidade, que hoje só tem online, chamou também, aí eu fui no princípio fui pra ficar três meses, fiquei na rua fotografando ai me chamaram pra editar ai já fui editora assim com 1 ano depois de formada, dois anos depois de formada. Quase dois anos. Muito nova tal, mas assim foi uma experiencia interessante, aí depois eu voltei pra rua porque eu também não queria mais ficar em escritório porque tudo que eu não queria era isso sabe, ficar num escritório enfim...

Fábio Palaveri: Não ter aquela rotina do jornalista padrão ali, de cobrir assessoria... assim... redação...

Joyce: Aí assim, no jornal era puxado porque era responsabilidade de fechamento né, então também era um horário bem ruim então no começo o jornal fechava acho que meia noite, meia noite e meia, então era todo dia saindo desse horário do jornal assim, então era também, e assim, a responsabilidade era muito grande, ai eu fiquei 4 anos fazendo isso lá, até que consegui que me colocasse de volta pra fotografar na rua e foi ótimo, foi bem melhor, era cansativo fisicamente mas assim eu não tinha aquela responsabilidade, ainda que eu ajudava um pouco o editor que ficou no meu lugar, ah, algumas questões né fechar e tal, mas assim era bem, bem, bem mais, que eu estava curtindo fazer sabe.

Fábio Palaveri: Deixa eu te perguntar, a gente sabe né, não precisa nem estar dentro assim, intensamente no universo da fotografia que o lance de equipamento, essas coisas, é muito caro, lente enfim, é uma coisa delicada e isso tem um preço bem salgado. Como que um,

você começou a conseguir e ir fazendo o seu próprio equipamento ou você até hoje usa o que lhe é concedido as câmeras de tal empresa enfim, ou você foi montando o seu próprio equipamento porque a gente sabe que não é um negócio viável pra quem não é profissional disso sabe, dificilmente alguma pessoa que não trabalha restritamente com fotografia vai ter um equipamento de ponta como os fotógrafos tem. Como você fez pra conseguir montar o seu equipamento de trabalho?

Joyce: É basicamente Fabio, os trabalhos que eu fiz e mesmo trabalho em jornal tal, durante um certo tempo foi basicamente pra fazer isso aí que você falou, pra comprar equipamento. Minha primeira câmera ela era uma Fugi, uma fine pix, que não era dessa linha R, era uma câmera bem semi profissional, bem amadora na verdade, mas tinha gente que trabalhava em jornal com ela para você ter uma ideia, tinha jornal de Ribeirão, colega, que ele trabalhava com essa câmera, e ai com essa câmera eu lembro que eu fiz alguns trabalhos, eu sabia que não era a condição ideal mas era a que dava para comprar no momento, ai fiz alguns trabalhos depois comprei uma outra câmera, ai uma DSLR, uma Canon, uma 10d, comprei usada, eu lembro do valor até hoje, eu lembro que eu vim buscar ela aqui em são Paulo, no Morumbi, um cara que estava vendendo, no apartamento dele. Eu lembro que eu paguei só no corpo da câmera, imagina, uma câmera super antiga, 6mega pixel, eu paguei 2800 reais, assim, era bastante dinheiro.

Fábio Palaveri: Até hoje é bastante dinheiro.

Joyce: Até hoje né. É bastante. Mas assim era uma câmera bacaninha tal, não sei o que, falei ah, vou comprar e ai depois comprei uma lente, comprei uma lente no miasaka, uma lente que nem era da cânon mesmo, era uma lente sigma, mas que atendeu assim uma lente bem basicona, uma 1850 bem basicona que não era clara, então comecei assim vamos dizer assim, com equipamento mais profissional, com essa câmera. Né. Eai depois eu fui investindo em lentes, eu não fiquei trocando muito o corpo da câmera, eu tive poucos corpos de câmera, então eu fui comprando lente ai tem lente que eu comprei daquela época que eu tenho até hoje, a 70200 por exemplo é uma lente super versátil, aquela branca, que eu tenho até hoje. Optei por investir em lente, aí flash eu fui ter um tempo depois também, enfim ai eu fui compondo assim, hoje eu tenho um kit legal mas eu to sempre comprando coisa assim, até esses dias ai eu vou pegar uma tocha de estúdio ne, um flash de estúdio, porque enfim, rolou uma oportunidade de pegar mas pra você ver a gente nunca ta, é uma atualização constante.

Fábio Palaveri: Esse mercado mesmo ele lança coisa nova, é uma coisa que não fica parado. É igual mais ou menos a indústria de smartphone todo ano vai lançar uma câmera nova, com uma tecnologia diferente...

Joyce: É... eu não consigo acompanhar isso, também acho que não é primordial. Porque dificilmente o cliente, o cliente final, vai perguntar o equipamento que você tem, logico pra fotojornalismo numa realidade mais de fotojornalismo, muito complicado se você tiver uma câmera que é muito lenta, que não faz tantas fotos por segundo porque ai você corre o risco de perder alguma coisa, se for um esporte talvez você não vai conseguir fazer, então assim, ai você tem que avaliar bem qual que é o seu nicho, qual o seu mercado, pra ver o que que atende mais. Eu to hoje com uma 5d mark3, que não é uma câmera super recente, eu comprei usada quer dizer, a única câmera nova que eu consegui comprar eu comprei ai em Ribeirão uma 7d, e ainda comprei porque a minha eu tinha uma 1d mark2 que é uma câmera grandona assim, bem parruda, pra fotojornalismo mesmo, e ela tinha dado pau no obturador, e ai eu tinha um trabalho assim marcado, pra outra semana, ai eu comprei essa 7d e ela se pagou olha que sonho, ela se pagou com esse trabalho, então nem gastei nada, eu comprei ela de um cara no shopping santa Úrsula ainda foi. E aí enfim, mas assim foi o único momento que eu consegui comprar uma câmera nova hoje em dia assim, cheguei a comprar uma câmera de vídeo também nova, mas até já vendi, mas muito mais difícil comprar assim, tá uma coisa, então você tem que é isso, você tem que ver alguém que ta vendendo por um preço legal, que esteja no estado bom, e é meio que isso. Lente também já comprei muita lente usada, a maioria das minhas lentes é usada, eu acho que eu tenho duas lentes, duas lentes novas assim que eu comprei zeradas, então assim, é isso, é a realidade, pra quem não é rico né, quem não trabalha com isso, aliás eu tenho visto algumas pessoas que acabam até atrapalhando o mercado porque não vivem disso e ai comprar um equipamento super caro e vão oferecer o trabalho por nada.

Fábio Palaveri: Quando você começou a trabalhar com fotojornalismo enfim, teve contato ali com a fotografia, mas profissionalmente, quando você já começou a trabalhar com a fotografia, qual foi assim o seu primeiro contato com o agro, o que você cobriu, você lembra? Pela primeira vez ou primeiro trabalho que você fez assim, era um rotineiro ali de cobrir um jornal da cidade ou, o que que era?

Joyce: Eu acho, se eu não me engano, to tentando lembrar, eu acho que foi na verdade já na faculdade eu já tinha feito um trabalho de cortador de cana, mas aí era película ainda né, era negativo. Alguma coisa que eu ah agora eu lembrei, foi da revista, não sei se ainda tem a revista ai, mas era uma revista que a gente tinha e aí eu fiz uma pauta de agronegócio, assim era de agronegócio mas era pra falar se não me engano da questão da mecanização do corte de cana acho que alguma coisa assim, eu acho que profissionalmente se eu não me engano eu acho que foi a Agrishow. Eu não to lembrando mesmo Fabio porque faz muito tempo já

fiz muitas coisas de lá pra cá, mas eu acho que foi a Agrishow. Eu lembro inclusive olha que engraçado, eu lembro que quando eu era repórter de texto, eu lembro que uma das pautas mais importantes que eu fiz foi a Agrishow, porque eu estava cobrindo ferias, estava não sei o que, ai fui lá e escrevi um texto que ficou bem legal, porque eu tinha uma faculdade pra economia né, acho que as coisas que eu fiz melhor assim de texto foram pautas de economia assim, por incrível que pareça, que é bem burocrático, mas aí eu lembro que foi um ano que a Agrishow faturou assim muito menos que os outros anos, e aí eles tentaram dar uma maquiada, disfarçada, e eu lembro que eu fiz um texto que tinha uma certa crítica no meio e tal, todo mundo elogiou, na folha e tal não sei o que, e o texto foi pra folha dinheiro também, então hoje em dia chama mercado né, mas na época chamava folha dinheiro que era o caderno de economia, e ai foi engraçado porque eu fui com um fotografo né, e a foto que ele fez assim, pra você ver, era uma foto assim, que não tinha muito a ver, era uma foto genérica que a gente chama, uma foto assim de movimentação, assim que não...
Fábio Palaveri: Nada especifico para aquilo que você estava propondo...

Joyce: Exatamente, exatamente. Aí assim, o que eu poderia falar pra ele né, já estava lá, mal feito né, não tinha mais o que fazer, mas acho que foi a Agrishow também como foto, eu realmente não lembro, no ACIDADE a gente cobria muito agronegócio de várias frentes, então eu não lembro se foi, acho que foi Agrishow.
Fábio Palaveri: E qual é a principal diferença de, antes de começar gravar aqui até comentei que ia comentar sobre isso, de fotografar o agro e fazer uma proposta de fotografia diferente, o que é difícil? O acesso porque normalmente você vai ter que ir em lugares as vezes difícil qual que é a maior dificuldade assim?
Joyce: É, acho que essa questão do acesso, porque pra você entrar você tem que falar com o dono, na fazenda você tem que falar com o dono, você não pode invadir o lugar e fazer a foto, muita coisa dá pra fazer da estrada, eu tenho umas fotos que eu fiz da estrada que estão no meu portifólio inclusive, que são os caminhões de cana assim, e tem uma pessoa no meio e tal, eu fiz bem de longe, não precisei pedir autorização nenhuma mas eu estava na estrada né, agora acho que você se aproximar desse universo né, eu acho que é o mais, eu acho que é o mais difícil, mas assim, particularmente eu nunca tive tanta dificuldade porque o jornal ele já amarrava isso né, então não era você chegar lá com a cara e com a coragem e fazer né, então tinha uma certa entre aspas uma certa produção então assim avisavam, normalmente esses lugares maiores tem assessoria de comunicação, enfim, então acho que seria mais isso assim, pensando talvez na dificuldade física ali né, do tema em si, eu acho que é um pouco

pelo aí é muito quente ne, então assim tinha situações que estava muito sol e assim você ta no meio da fazenda você não tem nem como se proteger então assim é terra, aquele sol, acho assim a dificuldade acho que seria mais aquele sentido né, então de você...

Fábio Palaveri: Até danificar o equipamento, superaquecer...

Joyce: Tem isso né, para você acessar determinado lugar você tem que subir algum, escalar um pouco algum terreno alguma coisa assim, mas eu acho que seria mais isso. A questão da luz, porque se a gente for pensar tecnicamente, você ta num lugar que ta descampado, se você tiver que fazer uma foto sei lá meio dia um retrato de alguém você só tem você ali a câmera né as vezes o repórter, não tem um difusor você não tem nada um rebatedor enfim, aí é difícil, então sempre pedia pra ser assim quando era uma coisa assim programada ne, um retrato né, falei ó gente não marca esse horário porque senão não vai ter foto, vai ficar uma coisa horrível, a gente não tinha assim no jornal não tinha rebatedor não tinha essas coisas, tinha só o flash mas ai era melhor evitar né, então acho que essa seria a dificuldade, a luz que no interior é muito forte tal e você não tem onde se proteger né então acho que é um pouco isso.

Fábio Palaveri: E você comentou sobre as feiras tal, você já chegou a cobrir como fotografa, viu que você cobriu até a se não me engano a posse da Dilma que olhei lá no seu acervo lá, no facebook, eu queria saber uma questão mais da profissão mesmo, como que funciona a disputa pelo espaço ali pra você ter o melhor angulo enfim, porque eu imagino que na hora que aparece uma figura publica um presidente um ministro enfim, vai todo mundo praquele lado para conseguir, e quem chegar primeiro é dele como funciona, você já presenciou briga como é que é?

Joyce: Então assim, acho que você pegou um exemplo muito bom assim, a posse né, de uma presidenta tal, eu cheguei super cedo, cheguei assim, acho que a cobertura começava uma da tarde eu cheguei nove da manhã, cheguei super cedo e fiquei bem em frente o púlpito, então eles colocaram uma um chiqueirinho ali pros fotógrafos né, cinegrafista tal, que ficava bem de frente para esse púlpito. E aí essa disputa pelo espaço como eu cheguei cedo, eu falei não vou ficar aqui bem de frente, fiquei bem de frente, e tinha bastante gente lá realmente fazendo foto, tinha um fotografo que é um fotojornalista bem antigo que é o Evandro Teixeira, ele nem trabalha mais pra nenhum jornal mas ele estava lá, foi bem legal encontrar com ele assim, só que aconteceu, só que a gente esqueceu que era o Lula que estava passando a faixa, e o Lula não tem protocolo. O que o Lula fez, determinado momento, ele pegou, atravessou a avenida que separava essa cerimonia das pessoas porque estava cheio de gente lá acompanhando isso daí, público, e ai o que aconteceu, a hora que eu comecei a ver essa movimentação eu sai correndo do chiqueirinho, desci falei nossa eu preciso fazer essa foto,

só que aí tem uma desvantagem né, você deve ta vendo ai pela tela eu sou uma pessoa que não sou tão forte, sou pequena, né, então assim, não tinha como enfrentar aquela multidão, eu cheguei muito perto Fabio, cheguei assim, olha, acho que tinha umas três pessoas na minha frente o Lula estava ali assim eu estava aqui mas eu não consegui fazer a foto, fiquei chateada e tal, mas tudo bem também assim, acho que ta ok.

Fábio Palaveri: Aconteceu. O Joyce, qual que é o seu trabalho assim que mais te dá orgulho, você fala po, fotografei que nem você estava falando comigo que você fotografou e vai ser revista de uma revista que você estava comentando comigo, de um livro, você participou de filme também que foi premiado internacionalmente na fotografia, eu dei uma olhada no seu LinkedIn no facebook ali achei bastante coisa interessante. Principalmente essa do livro aí, como que foi.

Joyce: Olha, o livro foi assim, eu fui fotografar para uma revista, uma revista de trato de gado, aí fiz as fotos tal né, aí eu fiz uma foto que eu falei nossa essa foto aqui, essa foto é uma coisa diferenciada, a pauta era faça um retrato do fulano que é engenheiro agrônomo, faça uma foto dele lá na fazenda, beleza, fui lá fazer, era em Serrana a fazenda aí, fui lá fazer tal, só que aí eu percebi Fabio que ele, ele tinha muita intimidade com os animais entendeu? E aí eu comecei a perceber que tinha uma interação entre eles tal, e ai eu vi que uma dos, uma parte do gado estava muito próxima dele, e aí teve uma vaca agora não sei se é boi ou se é vaca, agora precisa não sei, eu nunca sei essa diferença, que lambeu o rosto dele. Ai eu falei putz, vai lamber de novo, porque ai também tem isso né, eu acho que aí é você perceber um pouco da experiencia também, você as coisas vão se repetir em algum momento, então só falei pra ele ó eu vou trocar de lente aqui, e vou esperar, você pode ficar ali junto com o gado tal tal tal, ai fui fazendo com a tele, aí aconteceu de novo, aí é essa foto, que é ele sendo lambido pela vaca ali.

Fábio Palaveri: Você tem essa foto aí? Porque eu vou ter interesse com certeza em colocar ela na matéria...

Joyce: Tenho... Você quer que eu mostre aqui pra você?

Fábio Palaveri: Tem aí fácil pode mostrar.

Joyce: Tem, pera, só um minutinho.

Fábio Palaveri: Você estava sozinha pra fazer esse evento aí?

Joyce: É, foi um retrato né, estava sozinha. Perai deixa eu compartilhar com você.

Fábio Palaveri: Olha aí, isso aqui no primeiro plano é, esse branco, é todo o gado?

Joyce: É, é o gado é, é uma outra parte do gado.

Fábio Palaveri: Quem que é esse rapaz, esse senhor?

Joyce: É um engenheiro agrônomo, deve ta com quase 90 anos já, porque ele já tinha uns 80 naquela época, e aí vai sair um livro agora coisa recente, isso que eu fiz fui a muito tempo já...

Fábio Palaveri: É o livro vai ser recente, o livro é recente.

Joyce: Isso ai foi 2012, o livro vai ser lançado ia ser lançado acho que esse ano mas acredito que deve ser ano que vem, aí a filha dele entrou em contato comigo, que queria ver se eu poderia ceder a foto tal tal, ela escolheu essa foto e uma outra, ai uma acho que vai ser capa e a outra contracapa, mas acabei cedendo assim sem comprar nada, depois fiquei até pensando nossa deveria ter cobrado alguma coisa, só pra dar uma valorizada né, no trabalho e tal, mas enfim, depois vou ver o livro também, mas aí foi isso assim, porque o que ela falou pra mim, ela falou Joyce, você conseguiu retratar ele, Fausto Pereira Lima o nome dele acho que é, você conseguiu fazer um retrato dele que mostra realmente ele, o que ele é, então captou muito bem quem ele é entendeu? E aí assim, pro fotógrafo né, isso é a melhor, ah a melhor coisa que a pessoa pode falar né.

Fábio Palaveri: Se eu coloco Fausto Pereira Lima no google a segunda foto é a que você me mostrou.

Joyce: Ah é? Ah então.

Fábio Palaveri: Inclusive aqui ó, foto Joyce Cury, Serrana....

Joyce: Que legal depois vou ver...

Fábio Palaveri: Pode jogar Fausto Pereira Lima no google que vai aparecer.

Joyce: Depois eu vou procurar, mas acho que assim essa foi isso, então foi uma coisa assim eu percebei ali porque senão Fabio eu ia ter aquelas fotos mais comuns assim né, que não eram ruins mas eram umas fotos mais comuns, e assim talvez o engraçado que aconteceu, isso é uma coisa que acontece sempre está, a revista não escolheu essa foto. A revista escolheu uma foto vertical porque era formato vertical a página, escolheu uma foto vertical assim, ok, ele posando do lado do gado.

Fábio Palaveri: Padrão né.

Joyce: Padrão, só que a pessoa que era jornalista que era da revista falou nossa Joyce essa foto que você fez dele sendo lambido é foto pra prêmio. Aí eu inscrevi a foto no prêmio New Holland de fotojornalismo, e ai teve menção honrosa, circulou por vários lugares da américa latina, então foi legal assim, porque deu um retorno e tal, mas você vê até hoje, aí na edição seguinte eles publicaram a outra foto aí na edição seguinte no editorial eles comentaram, que a foto que eu tinha feito tinha, na edição seguinte não, na edição seguinte do prêmio no caso,

que enfornei eles, falei lembra aquela foto que eu fiz está ta ta ta , então, está circulando aí no prêmio, ta ta ta, ai eles citaram e tal, mas essa foto não foi publicada assim por eles né.

Fábio Palaveri: Assim, a gente bom você teve o exemplo dessa foto que até coloquei no google pra mim é legal quando você digita no google e vê um trabalho seu, já tive oportunidade de acontecer isso comigo enfim, eu vou fazer uma pergunta que eu faço pra todos os meus entrevistados, que eu tive, pergunto pra todos , é interessante essa porque cada resposta pelo fato de ser uma profissão diferente, cada resposta às vezes é até oposta enfim, Na sua opinião, a figura do fotografo, como a sua profissão é importante para o agronegócio, não vou falar pro jornalismo mas a figura do fotografo, como que ela impacta no agronegócio na sua opinião?

Joyce: Olha, eu acho que assim, vou até pensar um pouquinho como vou te responder isso. A gente ta vivendo num momento em que a gente está com um problema ambiental gravíssimo, severo, inclusive sendo deixado de escanteio né, pelo próprio governo, então assim, tem alguns colegas fotógrafos que tão fazendo um trabalho de documentação do pantanal, na Amazônia, enfim, mostrando o desmatamento, queimadas, o descuido, que tem alguma relação também com o agronegócio porque não vou dizer que são todas as empresas que fazem isso mas muitas empresas descuidam da questão do meio ambiente né, então assim, eu acho que é um trabalho de documentação, é um trabalho que pode servir como denuncia, pode servir como alerta, e a fotografia assim, a fotografia é acima de tudo ela é um registro de algo que aconteceu de alguma forma. Então só por conta disso eu acho que a fotografia não só no agronegócio, mas em outras áreas também, ela já tem a sua importância, então acho que nesse momento que a gente ta vivendo me parece que é assim uma grande ferramenta de denúncia, então acho que é um pouco por aí assim.

Fábio Palaveri: É interessante. Agora para finalizar, olha já ta dando quase uma hora enfim, a gente vai conversando é bacana ouvir assim alguém que tenha passagem em diferentes áreas como eu falei pra você, talvez se eu pegasse alguém que fotografasse só o agro toda aquela discussão da Dilma por exemplo a gente não ia nem ter citado enfim, é interessante. Mas a gente sabe que a profissão, do profissional de comunicação como um todo, ta em baixa, não é um momento fácil para procurar emprego enfim, mas julgando no contexto geral, o que você gostaria de dizer para uma pessoa que ta pensando em trabalhar aí com a fotografia, não só no agro mas no contexto geral.

Joyce: Eu preciso discordar de você Fábio, eu acho exatamente o contrário. Nunca tanto a gente precisou de profissionais de comunicação e nunca teve tanto recrutamento assim, o que eu acho que acontece é que a própria digamos assim, a própria facilidade e a própria

popularização de algumas coisas fazem com que o nosso trabalho seja menos valorizado. Porque estou falando isso, hoje tudo é redes sociais, tudo, tudo, eu acho que se teve uma democratização então mais pessoas entendendo mais sobre isso tal, por outro lado essa democratização realmente fez com que a gente que vive disso tivesse que meio que concorrer com essas pessoas entendeu? E aí assim, existem outras coisas na construção da imagem, no lidar as vezes com determinadas situações e tal, enfim que a pessoa, se a pessoa não vive disso, ou ta cobrando muito barato em algum momento ela vai pagar essa conta. Tem muito um leilão hoje em dia eu vejo, em determinadas áreas, clientes, também tem gente que realmente não pode pagar e vai precisar da imagem, aí é uma outra questão, sabe o que eu acho mais justo? Faz com o celular, a pessoa mesmo faz com o celular, se você vai ter que pagar uma mixaria para um profissional fazer, faz com um celular que é o que se tem no momento, resolve ali, quando você puder você contrata alguém, mas ta assim, realmente os orçamentos tão bem, bem complicados e tudo aumenta, e ai a gente fica complicado. O fotojornalismo acho que ta um pouco pior assim, pra quem trabalha com agencia por exemplo, tem uma amiga que ela é fotografa, presta serviço de vez em quando pra agencias, a agencia não paga nada, ela vai com a cara e com a coragem fazer um jogo de futebol por exemplo, se vender ela ganha-se não vender as fotos ela não ganha, e ai assim, é mais pela vitrine, pelo teu nome ta circulando do que pelo dinheiro nesse caso entendeu? Mas acho que é meio por aí.

Fábio Palaveri: Entendi, bacana. Joyce, bom primeiro eu queria te agradecer muito né, por ter disponibilizado esse tempo, vou até interromper a gravação aqui.

ANEXOS

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Jean Carlos de Souza , abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Fábio Palaveri Lopes, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: **Informação e áreas de atuação no agronegócio:** desenvolvimento do produto através de multiplataforma online e está sendo orientado pelo Prof. César Luis Mulati.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 14 de novembro 2020.

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu MARCOS A. ROSA, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Fábio Palaveri Lopes, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: **Informação e áreas de atuação no agronegócio:** desenvolvimento do produto através de multiplataforma online e está sendo orientado pelo Prof. César Luis Mulati.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 28 de outubro de 2020.

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu José Claudio Botelho, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Fábio Palaveri Lopes, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: **Informação e áreas de atuação no agronegócio:** desenvolvimento do produto através de multiplataforma online e está sendo orientado pelo Prof. César Luis Mulati.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 29 de outubro 2020.

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Delcy Batista da Cruz Júnior, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Fábio Palaveri Lopes, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: **Informação e áreas de atuação no agronegócio:** desenvolvimento do produto através de multiplataforma online e está sendo orientado pelo Prof. César Luis Mulati.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 23 de Outubro de 2020.

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Joyce Felipe Cury, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Fábio Palaveri Lopes, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: **Informação e áreas de atuação no agronegócio:** desenvolvimento do produto através de multiplataforma online e está sendo orientado pelo Prof. César Luis Mulati.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 03 de novembro de 2020.

Assinatura do entrevistado